



Costureiro



1



Programa de
QUALIFICAÇÃO
ARCO OCUPACIONAL
PROFISSIONAL
VESTUÁRIO
COSTUREIRO

1



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Rodrigo Garcia

Secretário

Nelson Baeta Neves Filho

Secretário-Adjunto

Maria Cristina Lopes Victorino

Chefe de Gabinete

Ernesto Masselani Neto

Coordenador de Ensino Técnico, Tecnológico e Profissionalizante

Concepção do programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia

Coordenação do Projeto
Juan Carlos Dans Sanchez

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva e João Mota Jr.

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Geraldo Biasoto Jr.
Diretor Executivo
Lais Cristina da Costa Manso Nabuco de Araújo
Superintendente de Relações Institucionais e Projetos Especiais

Equipe Técnica
Ana Paula Alves de Lavos, Emily Hozokawa Dias e
Laís Schalch

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Textos de Referência
Selma Venco, Maria Helena de Castro Lima, Clélia La Laina,
Paula Marcia Ciacco da Silva Dias e Vagner Carvalheiro

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Antonio Rafael Namur Muscat
Presidente da Diretoria Executiva

Gestão Editorial
Denise Blanes

Hugo Tsugunobu Yoshida Yoshizaki
Vice-presidente da Diretoria Executiva

Equipe de Produção

Gestão de Tecnologias aplicadas à Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski
Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira

Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo,
Beatriz Chaves, Camila De Pieri Fernandes, Carla Fernanda
Nascimento, Célia Maria Cassis, Cláudia Letícia Vendrame
Santos, Gisele Gonçalves, Hugo Otávio Cruz Reis, Lívia
Andersen França, Lucas Puntel Carrasco, Mainã Greeb Vicente,
Patrícia Maciel Bomfim, Patrícia Pinheiro de Sant'Ana, Paulo
Mendes e Tatiana Pavanelli Valsi

Gestão do Portal
Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e
Wilder Rogério de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco,
Beatriz Blay, Olívia Vieira da Silva Villa de Lima,
Priscila Garofalo, Rita De Luca e Roberto Polacov

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Apoio à produção: Luiz Roberto Vital Pinto,
Maria Regina Xavier de Brito, Valéria Aranha e
Vanessa Leite Rios

Diagramação e arte: Jairo Souza Design Gráfico

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Agradecemos aos seguintes profissionais e instituições que colaboraram na produção deste material:
Denise Pollini, Gabryelle T. Feresin, José Luis Hernández Alonso, Luís André do Prado,
Maria Isabel Branco Ribeiro e SENAC São Paulo

CARO(A) TRABALHADOR(A)

Estamos bastante felizes com a sua participação em um dos nossos cursos do Programa **Via Rápida Emprego**. Sabemos o quanto é importante a capacitação profissional para quem busca uma oportunidade de trabalho ou pretende abrir o seu próprio negócio.

Hoje, a falta de qualificação é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo desempregado.

Até os que estão trabalhando precisam de capacitação para se manter atualizados ou quem sabe exercer novas profissões com salários mais atraentes.

Foi pensando em você que o Governo do Estado criou o **Via Rápida Emprego**.

O Programa é coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, em parceria com instituições conceituadas na área da educação profissional.

Os nossos cursos contam com um material didático especialmente criado para facilitar o aprendizado de maneira rápida e eficiente. Com a ajuda de educadores experientes, pretendemos formar bons profissionais para o mercado de trabalho e excelentes cidadãos para a sociedade.

Temos certeza de que iremos lhe proporcionar muito mais que uma formação profissional de qualidade. O curso, sem dúvida, será o seu passaporte para a realização de sonhos ainda maiores.

Boa sorte e um ótimo curso!

*Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico,
Ciência e Tecnologia*

CARO(A) TRABALHADOR(A)

Hoje, com o Programa **Via Rápida Emprego**, você iniciará sua trajetória rumo a novos conhecimentos sobre a área de vestuário.

Você sabe que dominar técnicas específicas da ocupação é muito importante para ingressar no mundo do trabalho, mas, nos dias atuais, isso não é suficiente. Existem vários outros aspectos que vão além do conhecimento prático da ocupação e que são igualmente importantes para seu futuro profissional. São esses detalhes, portanto, que este curso lhe proporcionará.

Partindo do princípio de que você já possui diversos conhecimentos e vivências sobre vestuário e moda, durante esse período juntos procuraremos não só valorizá-los, mas também potencializá-los e ampliá-los, para que, ao final do curso, você se sinta confiante e capacitado a enfrentar novos desafios.

A Unidade 1 deste Caderno trata da história do vestuário e da moda, percorrendo sobre sua trajetória ao longo do tempo. Em alguns momentos, os estilos são comparados com modelos atuais, pois, como você já deve ter ouvido falar, a moda é cíclica – os estilos renascem de tempos em tempos, guardando semelhanças entre si, embora apresentem sempre algo novo, uma marca de sua época.

Na Unidade 2, que tem como assunto a moda no século XX (20), continuam a ser apresentados os estilos que marcaram as diversas décadas.

A Unidade 3 traça um panorama do mercado de trabalho nessa área, analisando brevemente tanto os serviços autônomos possíveis nesse ramo como ocupações existentes na indústria do vestuário para os profissionais da moda. Descreve, ainda, cada uma das funções exercidas pelos especialistas da moda na construção das roupas, discutindo também aspectos da legislação trabalhista, para depois se concentrar especificamente na atividade profissional do costureiro.

A Unidade 4 aborda questões importantes para a preservação da saúde do trabalhador, bem como os Equipamentos de Proteção Individual (EPI) mais utilizados na indústria do vestuário.

O curso terá continuidade com o Caderno 2, que tratará de assuntos mais específicos da ocupação de costureiro.

Esperamos que você esteja animado para continuar esse caminho. Bom curso!

SUMÁRIO

Unidade 1

9

HISTÓRIA DO VESTUÁRIO E DA MODA

Unidade 2

47

A MODA NO SÉCULO XX (20)

Unidade 3

85

MERCADO DE TRABALHO

Unidade 4

105

SAÚDE E TRABALHO

São Paulo (Estado). Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Via Rápida Emprego: vestuário: costureiro, v.1. São Paulo: SDECT, 2013.
il. - - (Série Arco Ocupacional Vestuário)

ISBN: 978-85-65278-72-0 (Impresso)
978-85-65278-80-5 (Digital)

1. Ensino profissionalizante 2. Vestuário - Qualificação técnica 3. Costureiro - Roupas: Confecção I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia II. Título III. Série.

CDD: 371.425
646.4

UNIDADE 1

HISTÓRIA DO VESTUÁRIO E DA MODA



Peças do vestuário feminino no século XIX (19). Ilustração do barão François-Joseph Bosio para a revista *Le bon genre: le volant*. Museu Carnavalet, Paris, França.



Vestuário nos anos 1950.



Vestuário nos anos 2000.



Adjetivo: Palavra que dá uma qualidade ao substantivo. Por exemplo: vestido *bonito*; tecido *macio*; cor *berrante*.

Moda é uma palavra comum em nossa vida, pois se relaciona a vários assuntos.

Alguns de vocês se lembram da gíria *bokomoko*? É possível que quem tenha vivido os anos 1970 reconheça esse termo, que foi bastante usado naquele período e era um **adjetivo** para os que estavam “fora de moda” sob diversos aspectos.

O que é moda para você?

Leia com atenção alguns significados da palavra moda que constam no dicionário:



Moda

1. Maneira, estilo de viver, vestir, comportar-se, escrever etc. predominante numa determinada época ou lugar (*gíria fora de moda*); voga.
2. Restr. Arte e técnica do vestuário (*moda feminina*).
3. A indústria e/ou o comércio dessa arte: *Gostaria de trabalhar com moda*.
4. Modo, maneira: *Preparou a massa à moda italiana*.
5. Gosto, maneira ou modo distinto e peculiar, ger. habitual, de cada um: *Trabalha à sua moda*.

6. Uso ou prática corrente, generalizada; fixação; mania: *Usar telefone celular virou moda.*

[...]

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Essas definições ampliaram seu conhecimento sobre o que é moda? Com base nelas, em sua opinião, qual seria a diferença entre moda e vestuário?

Moda e vestuário

Um dos destaques que podemos dar às definições do dicionário é a diferenciação entre moda e vestuário.

Pare e reflita: Já aconteceu de você ou alguém que conhece abrir uma gaveta e pensar “essa roupa está antiquada”, “está fora de moda”?

Isso é moda. Ou seja, as novas tendências que vão alterando o estilo do vestuário com o passar do tempo.

O vestuário é o coração, o objetivo do curso de qualificação profissional que você está agora iniciando. Mas, para desempenhar melhor a ocupação na qual está se formando, é essencial conhecer mais sobre moda.

Qual é o motivo de tantas mudanças na moda?

Por que você acha que a moda se altera com tanta frequência?

Em sua opinião, se a moda não sofresse alterações constantes, a indústria têxtil e as confecções sobreviveriam?

Pense na moda também como sujeita às exigências do consumo. Quantas pessoas não trocam móveis, eletrodomésticos, celulares, só porque o novo modelo é mais bonito, mais moderno ou apresenta mais recursos, embora os antigos ainda estejam perfeitos?

A moda movimentava o mercado em geral, pois vai alterando o estilo do que deve ser usado em determinada época. No caso do vestuário, a moda muda a cada estação do ano. Alteram-se cores, tecidos, recuperam-se estilos antigos, que ganham nova versão. Tudo isso aquece o mercado e influencia o consumo.

E você já parou para refletir quando foi que homens e mulheres começaram a pensar em se vestir?



Você sabia?

O termo **Pré-história** foi criado no século XIX (19) para designar o período em que não havia registro escrito da história. Mas hoje é possível reconstituir esse período e estudá-lo, mesmo sem os registros escritos.

Há historiadores que se referem a esse período como o das “sociedades sem Estado”, pois consideram que o termo Pré-história sugere que antes da escrita não havia história.



Sedentário: Aquele que tem habitação fixa.

Vestuário na **Pré-história**

Os nômades pré-históricos eram grupos de pessoas que não fixavam residência e se deslocavam continuamente, em busca de caça. Segundo estudiosos dessas sociedades, homens e mulheres já cobriam o corpo nessa época, tendo confeccionado as primeiras roupas com uma mistura de folhas, fibras de vegetais e pelos prensados, constituindo assim um material parecido com o que hoje conhecemos como feltro.

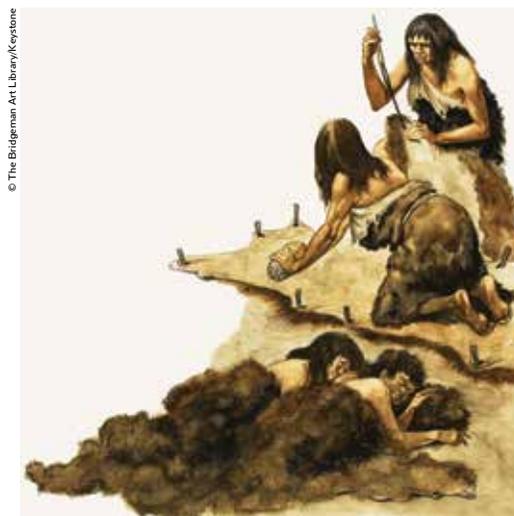
Mais tarde, incorporaram à vestimenta peles de animais que eram caçados e lhes serviam de alimento – traje perfeito para proteger o corpo nas regiões frias.

No entanto, a fixação do homem à terra, que permitiu a formação de povos **sedentários**, alterou a confecção de roupas. O desenvolvimento da agricultura possibilitou o cultivo, por exemplo, do linho, e descobertas como essa influenciaram a modificação de costumes, entre eles os relacionados ao vestuário.

Finalidades do vestuário

O vestuário surgiu com diferentes finalidades:

- **proteção contra as intempéries:** chuva, sol, vento, calor e frio;



Peter Jackson. Família na Idade da Pedra Lixa e costura peles para fazer vestimentas. Coleção particular.

- **ligação do ser humano com o sobrenatural:** tudo aquilo que acontecia em torno das pessoas e para o qual elas não tinham explicação era atribuído ao sobrenatural. Em épocas mais antigas, ninguém conseguia explicar fenômenos da natureza, como o eclipse do Sol. Quando esse fenômeno ocorria, portanto, era relacionado a alguma força mágica. E, para atrair ou afastar essas forças sobrenaturais, homens e mulheres adornavam o corpo com penas, ossos, pintura corporal temporária ou permanente, como as tatuagens etc.;

Assim como outros fenômenos da natureza, grande parte das populações pré-históricas não conseguia explicar a própria reprodução nem a fertilidade dos animais.

Nesse conflito, os homens criaram esculturas que representavam o corpo feminino. Trata-se de obras que medem de 10 a 15 centímetros, com seios, ventre e quadril avantajados. Essas esculturas são chamadas de Vênus e foram encontradas em diversas regiões da Europa, África e América. Isso significa que diferentes povos, embora não tivessem contato uns com os outros, pensavam, sentiam e percebiam o mundo que os cercava de maneira bem semelhante.

Uma das mais importantes e conhecidas esculturas do período pré-histórico é a *Vênus de Willendorf*, encontrada na Áustria em agosto de 1908. Esculpida em pedra calcária e pintada com pigmento ocre-avermelhado, data de 24000 a 22000 a.C. (antes de Cristo).



Fotos: © Erich Lessing/Latinstock/Alamy/Album Art



Vênus de Willendorf. Museu de História Natural de Viena, Áustria.



Você sabia?

Achados arqueológicos identificaram tecidos fabricados milênios antes de Cristo, comprovando que já havia o conceito de entrelaçar fios desde essa época. Há também indícios, nesses achados, de que o tear teria surgido na Pré-história.



A arqueologia é uma ciência, e seu papel é buscar e estudar os hábitos dos povos que viveram em outras épocas. Para isso, os arqueólogos fazem escavações e tentam encontrar vestígios da vida antiga.

Um arqueólogo famoso no cinema e na televisão é Indiana Jones. Você pode conhecê-lo em quatro filmes: *Indiana Jones e os caçadores da Arca Perdida* (*Raiders of the Lost Ark*, 1981), *Indiana Jones e o Templo da Perdição* (*Indiana Jones and the Temple of Doom*, 1984), *Indiana Jones e a Grande Cruzada* (*Indiana Jones and the Last Crusade*, 1989) e *Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal* (*Indiana Jones and the Kingdom of the Crystal Skull*, 2008), todos dirigidos por Steven Spielberg.

- **demonstração de poder:** há estudos indicando que, desde a Pré-história, os homens já usavam trajes diferentes para marcar os níveis de poder. Quando um caçador obtinha sucesso na captura da presa, usava a pele desse animal como vestimenta. Podia também selecionar o seu maior canino para colocar no pescoço, como uma espécie de colar, e ainda usar os chifres para adornar o corpo ou criar adereços. Ao fazer isso, o homem pré-histórico acreditava atrair para si energias mágicas da natureza ou as qualidades do animal caçado, como força, agilidade, destreza, esperteza etc.;
- **diferenciação social:** na Mesopotâmia – uma das civilizações mais antigas de que se tem conhecimento (cerca de 1700 a.C. [antes de Cristo]) e considerada o berço das civilizações –, verifica-se que os trajes usados por homens e mulheres não se diferenciavam muito no modelo – eram quase sempre túnicas soltas, presas com cintos. No entanto, quanto mais detalhes e enfeites possuíam, maior era o *status* social de quem as usava.

Para marcar as diferentes etapas do desenvolvimento da humanidade e facilitar o estudo da história, pesquisadores dividiram-na em grandes períodos:

- Pré-história ou sociedades sem Estado: da origem do homem até 3500 a.C. (antes de Cristo) – quando surgiu a escrita.
- Antiguidade ou Idade Antiga: de 3500 a.C. (antes de Cristo) até 476 d.C. (depois de Cristo) – do surgimento da escrita à queda do Império Romano.
- Idade Média: de 476 d.C. (depois de Cristo) até 1453 – da queda do Império Romano à **Tomada de Constantinopla** pelos turcos otomanos.
- Idade Moderna: de 1453 até 1789 – da Tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos até a **Revolução Francesa**.
- Idade Contemporânea: da Revolução Francesa aos dias atuais.

Constantinopla é como se chamava antigamente a cidade de Istambul, na época a “entrada” do Ocidente para o Oriente. Denomina-se **Tomada de Constantinopla** o momento da história que marca o fim da dominação romana sobre os povos do Oriente.

Revolução Francesa é o nome que se dá a um período da história da França no qual a monarquia (os reis), a nobreza e a Igreja perderam poder para dar lugar a uma nova forma de governo – a república. Nessa época também uma nova forma de produção começou a se consolidar: o capitalismo industrial.

A Revolução Francesa é um marco nas mudanças políticas, econômicas e sociais que aconteceram na Europa na segunda metade do século XVIII (18), cuja influência se estendeu para quase todo o mundo.

Diferentes tipos de roupa

Em cada período histórico e em cada lugar, a roupa foi confeccionada de maneira diferente, evidenciando, ora mais, ora menos, as formas do corpo das pessoas.

É possível pensar em roupas como uma espécie de preservação da vida: trata-se de uma proteção contra o frio ou o calor. Mas o que era e ainda é uma necessidade vital passou a se transformar, com o tempo, em um tipo de identidade pessoal – os ornamentos, muitas vezes, passam a ser mais valorizados que a própria vestimenta.



© De Agostini/Getty Images

Roupas encontradas em uma tumba de cerca de 1370 a.C. (antes de Cristo). Museu Nacional, Copenhague, Dinamarca.

Em 1991, dois alpinistas descobriram nos Alpes italianos um corpo que mais tarde se revelou a múmia congelada mais bem preservada e a segunda mais antiga já encontrada. Ela foi apelidada de Ötzi, devido ao nome dado à região.

Ötzi viveu em 5300 a.C. (antes de Cristo), durante o período Neolítico, e tinha, ao morrer, entre 30 e 45 anos, e 1,60 metro de altura.

Foram encontradas em seu corpo 57 tatuagens, que, por sua localização, alguns pesquisadores acreditam se tratar de uma antiga prática de acupuntura.

Após vários estudos, descobriu-se que Ötzi morreu vítima de um ferimento no ombro provocado por uma flecha. Junto a seu corpo foi encontrado um machadinho, e ele ainda trajava restos de sua vestimenta. O casaco usado por Ötzi era feito de hastes longas de capim, e as calças, de pele de cabra, costuradas com tendões de animais.

O sapato possuía partes interna e externa: na parte interna era possível colocar grama, que servia para promover o isolamento térmico; a parte externa era feita de pele de veado. Seu chapéu, confeccionado com pele de urso, possuía duas tiras para amarrá-lo embaixo do queixo.



© Dinnecht

Provável aparência de Ötzi.

Se a moda pode ser, portanto, compreendida como o estilo do vestuário, como você já viu, qual seria então a definição mais apropriada para essa palavra? Quando começa a moda? E o que é?

Atividade 1

○ QUE É MODA?

1. Em sua opinião, o que é moda? Escreva, resumidamente, nas linhas a seguir, cinco coisas que lhe vêm à mente quando você ouve a palavra moda:

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) _____

2. Troque o que escreveu com um colega. O que há de semelhante e de diferente entre sua resposta e a dele? Anote o que encontrou de comum entre elas.

3. Forme uma dupla e escrevam um parágrafo a partir da frase:

Moda é... _____

4. As definições dadas pelo dicionário (p. 10-11) se aproximam das que vocês elaboraram? Reescrevam a definição da dupla com base na leitura. Como o texto que fizeram pode ser aperfeiçoado?

História da moda no Ocidente

O Brasil faz parte do Hemisfério Ocidental (Ocidente), o que torna nossos costumes e hábitos semelhantes aos de outros países do mesmo hemisfério, apesar de diferenças específicas que distinguem um país do outro. Para você ter uma ideia melhor, pense em como nossos costumes são diferentes dos da China ou do Japão – esses países estão localizados no Hemisfério Oriental (Oriente).

Para nós, a moda está em contínua mudança – ela se transforma o tempo todo.

Evolução da moda

Você verá agora como o vestuário foi se transformando ao longo da história.

Cada período foi organizado com uma foto antiga e outra recente. A ideia é que você procure observar as características das vestimentas em cada período e como foram reinterpretadas na atualidade. O que permanece? O que se alterou? Como as tendências vão e voltam no mundo da moda?

Antigo Egito e Império Romano

No Antigo Egito (em torno de 4000 a.C. [antes de Cristo]), as roupas utilizadas pelos nobres eram fabricadas com fibras de linho.

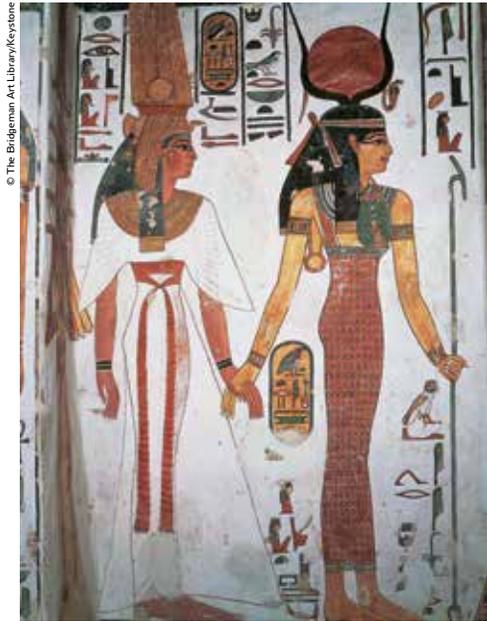
Durante o Império Romano (entre 27 a.C. [antes de Cristo] e 395 d.C. [depois de Cristo]), as vestimentas ganharam simplicidade e praticidade e se assemelharam a retângulos de tecido envolvidos ao corpo (veja a ilustração na p. 19).



No laboratório de informática, acesse o link do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Nele, você poderá obter informações de todos os países (bandeira, população, extensão territorial, economia etc.), apenas arrastando o mouse pelo mapa-múndi.

Estilo Antigo Egito



© The Bridgeman Art Library/Keystone

A rainha Nefertari precedida por Ísis. Detalhe dos afrescos da câmara funerária do túmulo de Nefertari (reinado de Ramsés II [segundo], 1290-1224 a.C. [antes de Cristo]). Vale das Rainhas, Luxor, Egito.



© Stephane Cardinal/People Avenue/Corbis/Latinstock

Desfile de alta-costura da grife Dior. Coleção primavera-verão de 2004.

Estilo Romano



© The Bridgeman Art Library/Keystone

Estátua de Hécate. Escultura de mármore, 171 cm de altura. Coleção do Mosteiro Franciscano de Sinj, Croácia.



© WWD/Conde Nast/Corbis/Latinstock

Desfile da grife Halston. Coleção outono-inverno de 2011.

Os trajes gregos, assim como os romanos, eram muito simples. Chamados *chiton*, eram confeccionados com fibras de linho e assemelhavam-se a grandes retângulos costurados que envolviam o corpo.



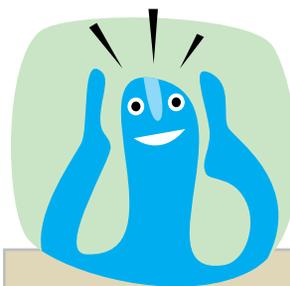
Como vestir o *chiton*.

Idade Média

No início da Idade Média, havia ainda forte influência dos trajes usados pelos romanos. Túnicas sobrepostas e acinturadas (chamadas opalandas – veja na imagem *As horas muito ricas do duque de Berry*, da p. 20) foram ganhando, aos poucos, detalhes como barras de seda, bordados etc., para, em seguida, avançar para uma modelagem diferenciada, marcando a silhueta feminina e inaugurando o **estilo gótico**.

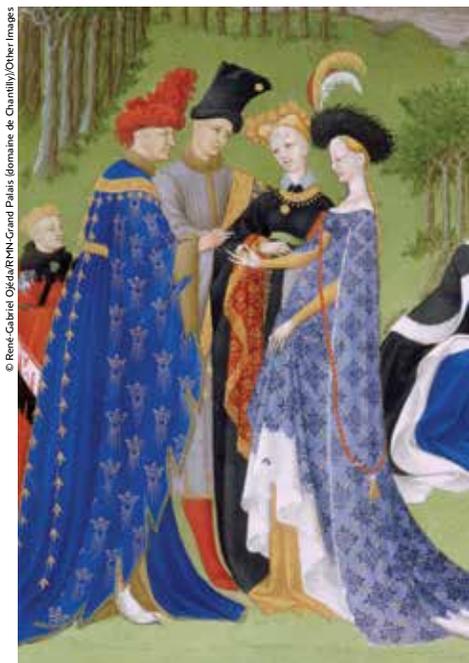
Transformações significativas ocorreram no vestuário nessa época: as roupas passaram a ser produzidas artesanalmente pelos primeiros tecelões e alfaiates profissionais e as cores ganharam espaço em sua confecção.

A sociedade na Idade Média era estruturada em camadas sociais definidas com base na condição de nascimento, impossibilitando totalmente a ascensão social – quem nascesse nobre, permaneceria nobre durante toda a vida, o mesmo se dando com os camponeses. A nobreza era formada por reis, rainhas, príncipes, princesas, cavaleiros, e dividia o poder político com o clero (papa, cardeais, arcebispos, bispos).



Você sabia?

No final da Idade Média e início do Renascimento, surgiu na Europa o **estilo gótico**. Foi uma época de grandes transformações, particularmente no campo da moda, pois foi quando também nasceu o conceito de moda. Roupas de homens e de mulheres passaram a ter características próprias e os modelos, a evidenciar as formas do corpo. Foram criados sapatos de bico cada vez mais fino para evidenciar o grau de riqueza e nobreza dos donos.



Irmãos Limbourg. *As horas muito ricas do duque de Berry* (detalhe), 1416. Guache sobre pergaminho, 29 cm x 21 cm. Museu Condé, Chantilly, França.



Desfile de alta-costura da grife Chanel. Coleção outono-inverno de 2009.



Além de se referir ao movimento artístico que aconteceu na Europa entre os séculos XIV (14) e XVI (16), o termo **Renascimento** delimita um período de profundas mudanças na sociedade, na política, na religião, na economia e na cultura europeias, que marcou o fim da Idade Média e o começo da Idade Moderna.

Renascimento

O período conhecido como **Renascimento** foi de profundas mudanças na estrutura social e econômica mundial.

Como você verá adiante, no contexto das mudanças políticas e sociais que aconteceram no período, um novo segmento social ganhou espaço: o dos comerciantes que habitavam as cidades, estas começando a se formar.

Expansão das cidades e das atividades de comércio, países conquistando novas terras e ampliando seu poder na Europa. Todas essas mudanças no modo de vida das pessoas resultaram em grandes alterações também no vestuário – usavam-se agora tecidos com cores, brilhos, texturas e caimentos diversos, bem como vestidos com modelos de golas, punhos, mangas, cinturas, bolsos e barrados diferenciados.

Estilo Renascimento



Antoon van Dyck. *Retrato presumido da marquesa Geromina Spinola-Doria*. Óleo sobre tela, 239 cm x 170 cm. Museu do Louvre, Paris, França.



Desfile *prêt-à-porter* da grife Gareth Pugh. Coleção primavera-verão de 2009.

Os babados que você observa ao redor do pescoço em algumas imagens, uma espécie de “colar” de tecido, são chamados **rufos**.

Será que eles tinham alguma função na vestimenta ou eram apenas um ornamento?

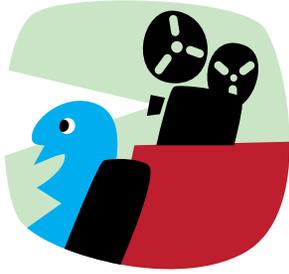
Possíveis interpretações para o uso de rufos:

- **quanto à higiene:** tomar banho não fazia parte dos hábitos europeus na época do Renascimento. A princípio, uma forma de se sentir limpo era usando o que se chama de *chemise* – um tipo de camisola larga e comprida, trocada com maior frequência que as outras peças de roupa. Os rufos tinham a mesma utilidade, sendo trocados com maior frequência que as *chemises*. Usá-los, portanto, era um indício de limpeza e asseio;
- **quanto à posição social:** essa interpretação é fácil de entender. Só quem possuísse certa posição social poderia usá-los. Você consegue imaginar alguém com um rufo cortando uma tora de madeira, cozinhando ou limpando o chão, por exemplo?

Não bastasse, ainda combinava com a postura ereta que essa classe social mais abastada deveria manter, pois melhorava a postura do corpo, mantendo quem o usasse com as costas retas.



Camisola de cambraia com bordados e renda. Castelo de Malmaison, Rueil-Malmaison, França.



Uma das categorias das premiações anuais para a produção cinematográfica – como o óscar – é concedida ao Melhor Figurino. *Elizabeth: a Era de Ouro* (*Elizabeth: the Golden Age*, direção de Shekhar Kapur, 2007) recebeu esse prêmio. O filme se passa em 1585 e retrata a história da rainha Elizabeth I (primeira), apresentando as dificuldades enfrentadas pela personagem na luta pelo poder. Assista a ele e observe bem os detalhes do figurino. Esse estudo poderá, além de ampliar seu conhecimento sobre o vestuário da época, lhe dar várias ideias de modelos e acabamentos.

Atividade 2

A MODA NO RENASCIMENTO

1. Leia a reportagem a seguir, publicada em 30 de julho de 2003.



De volta ao passado

Pesquisadores recriam, do tecido aos bordados, roupas dos nobres da Itália renascentista.

Bel Moherdai



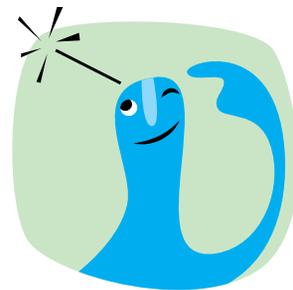
Giovanni Bauhet. *Vincenzo Gonzaga, IV [quarto] Duque de Mântua, 1587.* Coleção particular, Mântua, Itália.



Reconstituição do traje de Vincenzo Gonzaga, duque de Mântua.

Fios de ouro, pérolas e pedras preciosas. Pronta-entrega, nem sonhando. Só modelos exclusivos, feitos sob encomenda, um trabalho que podia demorar anos. Assim eram as roupas de cerimônia dos nobres do Renascimento na Itália: poucas, mas fabulosamente requintadas.

Embora um número reduzidíssimo de peças tenha sobrevivido ao tempo, um perseverante grupo de pesquisadores italianos, armados de documentos, pedaços de tecidos e pinturas da época, enfrentou o desafio de reconstituir os suntuosos trajes do período. “Escolhemos os mais famosos retratos de personagens italianos com trajes que tivessem uma história particular, que fossem capazes de mostrar aspectos interessantes da vida da corte. Dessa forma, explicamos a história de um novo jeito”, conta Fausto Fornasari, diretor do King Studio, que desenvolve o estudo. Em catorze anos de trabalho, já foram reconstituídos cerca de 100 trajes. [...] Entre eles está o fabuloso traje de Vincenzo Gonzaga na cerimônia em que assumiu o título de duque de Mântua. O manto original de arminho na reprodução é de pele de coelho. A pequena peça acoplada à cintura parece mas não é uma bainha de punhal: simboliza o falo dual. Aparecem também as vestimentas usadas em seu casamento com Eleonora de Médici e ainda o vestido de noiva da filha do casal, Eleonora Gonzaga, quando se uniu a Ferdinando II [segundo], imperador do Sacro Império Romano do Ocidente, em 1622.



Levando em conta que a fotografia foi inventada apenas em 1826, como podemos saber o que as pessoas usavam antes disso? Para obter essas informações, pesquisadores recorrem a textos, pinturas, esculturas e gravuras.



Agnolo Bronzino. *Retrato de Eleonora de Toledo*, 1545. Óleo sobre madeira, 115 cm x 96 cm. Galeria degli Uffizi, Florença, Itália.



Para reconstituir os detalhes da roupa de Eleonora de Toledo foram necessários seis anos de trabalho.

Entre pesquisa histórica, desenvolvimento de materiais, testes com teares e a trabalhosa aplicação de joias e bordados, cada roupa demora de quatro a cinco anos para ficar pronta. São feitas até trinta provas de tecidos por traje, para chegar ao material mais parecido possível com o original. Um dos mais trabalhosos, o vestido da duquesa Eleonora de Toledo, demorou seis anos para ficar pronto: dois na pesquisa, dois no desenvolvimento do tecido e mais dois no bordado (só uma, das dez bordadeiras convocadas, levou o desafio adiante). Outro destaque é a roupa da marquesa de Mântua, Isabella d’Este Gonzaga. Importante figura política e patrocinadora das artes, ela própria era uma lançadora de tendências, sempre criando seus trajes e perucas. O vestido em exposição compõe-se de duas peças sobrepostas: a de baixo, de tecido dourado com desenhos róseos, serve para destacar a suntuosa parte de cima, em veludo preto recortado e bordado em ouro.

Na exposição, a maioria dos trajes está acompanhada de uma reprodução da pintura em que eles aparecem. O retrato de Eleonora de Toledo foi feito pelo mestre Bronzino. Junto com o vestido, com original e intrincada padronagem em medalhões, vem ainda uma boneca de porcelana vestida com uma miniatura da roupa. “Essas bonecas viajavam de corte em corte e funcionavam como uma espécie de revista de moda do Renascimento. Era com elas que uma princesa da França, por exemplo, tomava conhecimento do que se usava na corte italiana”, conta Fornasari. Há ainda a reprodução de uma cena de banquete e dois trajes que são a interpretação de vários quadros. Um deles, em tecido vermelho, traz 3.000 pérolas e 200 pedras preciosas bordadas – imitações, na reconstituição. “Os trajes eram vistos como um investimento. Quando aparecia em cerimônia pública, o nobre fazia questão de mostrar com a roupa o tamanho de sua riqueza”, diz Fornasari. O conforto certamente não era uma prioridade. A quantidade de tecidos, bordados, pedrarias, peles e golas criava roupas sufocantes e pesadas. Mas em qualquer época em que fossem vistas, hoje ou quinhentos anos atrás, não deixavam dúvidas: eram roupas dignas de reis.



Divulgação King Studio

Bartolomé González. *Margarida de Áustria, rainha da Espanha, e sua filha Anna*, 1605. 192 cm x 120 cm. Museu Kunsthistorisches, Viena, Áustria.



© King Studio

Reconstituição do traje de Margarida da Áustria, rainha da Espanha.

MOHERDAUI, Bel. De volta ao passado. *Veja*, ed. 1813, 30 jul. 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/300703/p_090.html>. Acesso em: 8 jan. 2013.

2. Com base no texto, responda:

a) Quais eram as matérias-primas usadas nas roupas na época do Renascimento? Descreva a maneira como eram fabricadas.

b) Como eram as “revistas de moda” da época?

c) Por que as roupas desse período eram consideradas um investimento (termo que deriva de vestimenta)?



Você sabia?

De acordo com a autora **Joan DeJean** (2011), na época em que a moda começou a surgir, as mulheres eram autorizadas a fazer apenas ajustes nas roupas. Foi necessária muita luta para que obtivessem o direito de desenhá-las e costurá-las, condição, até 1675, reservada aos homens. As costureiras eram conhecidas em Paris como “mãozinhas”, pois confeccionavam “vestidos de sonhos”. As mulheres rapidamente criaram uma forma de inserção no mercado e passaram a comercializar acessórios, ficando conhecidas como mercadoras da moda. Também enfeitavam roupas com fitas e outros detalhes decorativos, em uma técnica que hoje é denominada customização.



Você assistiu à abertura da Olimpíada de 2012? Os jogos foram realizados em Londres, capital da **Inglaterra**, e na cerimônia de abertura foi retratada a história do país.

No laboratório de informática, faça uma busca e assista ao vídeo de abertura. Nele você verá uma parte da história aqui relatada.

O surgimento do mercado da moda no século XVII (17)

A produção de roupas sofreu alterações e acompanhou o movimento da sociedade. De acordo com a autora **Joan DeJean** (2011), a indústria da moda teve data e local de nascimento: surgiu em Paris, na França, nos anos 1670. Porém as vestimentas eram caras, e apenas a nobreza tinha acesso à confecção sob medida feita por alfaiates e modistas. O luxo era tamanho e o valor das roupas tão elevado que estas chegavam a ser deixadas de herança a familiares – embora grande parte da população contasse apenas com a roupa que vestia, feita de forma artesanal, cumprindo tão somente a função de cobrir e proteger o corpo contra alterações climáticas.

O vestuário passou a ser uma verdadeira disputa entre os nobres, que se perguntavam quem seria aquele que se apresentaria com tecidos e modelos mais inovadores. Esse modo de pensar começou a modificar a moda. A dificuldade de transportar ampla variedade de tecidos até onde os nobres estavam levou à criação de lojas de tecidos e armarinhos, bem como de confecções de roupas.

Não foram apenas as ocupações de alfaiate, costureira e comerciante que cresceram com o desenvolvimento da moda. A produção de tecidos, as ocupações de bordadeira, modelista e desenhista, a criação de figurinos e mesmo o jornalismo ganharam espaço com o desenvolvimento dessa indústria.

Influência da 1ª Revolução Industrial no vestuário

A produção do vestuário sofreu alterações importantes com a 1ª Revolução Industrial, que começou na **Inglaterra** (na Europa), no século XVIII (18). Mas como era a vida antes dela?

No feudalismo (sistema econômico, político e social que antecedeu o capitalismo), os camponeses, denominados vassalos, eram obrigados a trabalhar para os senhores feudais, chamados suseranos, mantendo para si apenas uma pequena parte da produção. O vassalo devia fidelidade ao senhor feudal, e este lhe oferecia proteção militar e o direito de cultivar parte da terra para o consumo da família.



Com o decorrer do tempo, no entanto, o feudalismo foi se desgastando. As péssimas condições de vida no campo passaram a motivar camponeses a ir para as cidades, que começaram a se organizar em torno das primeiras fábricas.

O comércio se expandiu com as grandes navegações, e a ciência progrediu. Tal combinação de fatores ficou conhecida como 1ª Revolução Industrial.

No plano geral, foi um acontecimento que provocou diversas modificações sociais, políticas e econômicas. Em especial para a indústria têxtil, tratou-se de um momento de grande importância, pois a produção de mercadorias deu um salto significativo, passando da produção artesanal para a industrial. Com o surgimento dos primeiros teares



Você sabia?

Nessa época, não havia salário. O assalariamento foi uma “invenção” do capitalismo, pela qual foi possível que os proprietários dos meios de produção (ferramentas, máquinas, terra etc.) comprassem as horas trabalhadas de um ou mais trabalhadores.



O filme *Daens*: um grito de justiça (*Daens*, direção de Stijn Coninx, 1992) apresenta um bom retrato das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores na indústria têxtil no século XIX, período da Revolução Industrial.



Você sabia?

Durante a 1ª Revolução Industrial, as contratações eram prioritariamente de mulheres e crianças.

Quanto ao contingente feminino, isso se dava por duas razões principais: primeira, o salário feminino sempre foi menor que o masculino (até hoje, de acordo com estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] em 2011, no Brasil, a remuneração das mulheres equivale a 70,4% da recebida, na mesma função, por um homem); em segundo lugar, os teares exigiam manuseio mais delicado.

Em relação às crianças, a altura e os movimentos ágeis interessavam ao sistema de produção, pois elas podiam ficar abaixadas recolhendo as felpas caídas do tear.

Fonte: PNAD 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1>. Acesso em: 8 jan. 2013.

mecânicos, as fábricas conseguiram reproduzir de forma automática determinadas tarefas mais rapidamente.



Manufatura de algodão: mula fiandeira, c. 1830. Observe o garoto à direita, empregado para se arrastar debaixo dos fios e varrer o chão. Biblioteca fotográfica de Ann Ronan.

Barroco

No período do movimento artístico conhecido como Barroco, que teve seu auge entre 1650 e 1750, o estilo do vestuário feminino sofreu alterações significativas, caracterizando-se pelo uso de formas largas, principalmente nas saias, que se tornaram muito amplas. O destaque para a moda desse período é a ornamentação das roupas, bordadas com pérolas e pedras preciosas. As rendas tornaram-se um elemento de diferenciação social: renda no vestuário significava riqueza pessoal.

A partir de cerca de 1720, as saias passaram a ser armadas por uma estrutura que se assemelhava a um cesto de pães de ponta-cabeça, chamada por isso de *panier* (“cesto”, em francês; fala-se “paniê”), também conhecida como “anquinha”. Algumas tinham uma abertura frontal, em forma de V invertido, deixando entrever o saiote, ricamente ornamentado também. O decote do vestido, em geral quadrado, era ricamente bordado e com rendas.



Jean Antoine Watteau. *A garota caprichosa*, 1718. Óleo sobre tela. Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.



Desfile da grife Lacroix. Coleção primavera-verão de 1996.

Rococó

O movimento artístico que sucedeu o Barroco ficou conhecido como Rococó e vigorou de, aproximadamente, 1730 a 1790. Ambos seguiam uma lógica semelhante: o Rococó, em muitos sentidos, configurou uma continuidade estética do Barroco, porém com detalhes mais graciosos, festivos e frívolos nas roupas femininas. Babados, laços, rendas, flores, plantas e conchas artificiais de tecido, volumes e exageros nas formas e na ornamentação caracterizaram todos os vestidos dessa época, que ganharam também cores mais claras, os chamados tons pastel.

O Rococó originou-se na França, no reinado de Luís XV (15), e o termo é derivado de *rocaille* (“concha”, em francês). Caracterizou-se ainda por utilizar excesso de curvas na forma da letra C, com detalhes delicados, simulando leveza, refinamento e valorização da natureza.



Em *Maria Antonieta* (*Marie Antoinette*, direção de Sofia Coppola, 2006), você pode observar as roupas do século XVIII (18) desenhadas pela figurinista Milena Canonero. O filme ganhou o óscar de Melhor Figurino em 2007.

Espartilho ou *corset* (fala-se “corsê”, em português **corpete**) é uma peça surgida no século XIV (14) com barbatanas de metal e amarrada nas costas, usada pelas mulheres para manter o tronco ereto e afinar a cintura, tornando-as mais elegantes. O corselete é uma espécie de espartilho, usado por cima da roupa.



Espartilho de seda azul reforçado com osso de baleia, frente e costas, 1864.

Os vestidos do Rococó geralmente apresentavam a seguinte composição:

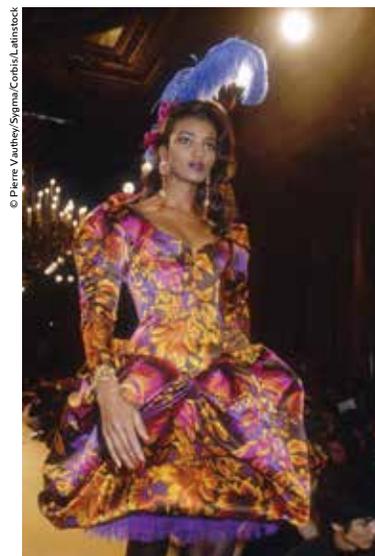
- na parte superior, eram compostos por um **corpete**, no qual se pregavam as mangas, assemelhando-se muitas vezes a um casaquinho. Comumente era bordado com flores, fitas, rendas e pedras preciosas;
- a parte inferior contava basicamente com duas peças presas ao corpete: saia e sobressaia. A saia, com formato mais reto na frente, apresentava muito volume para os lados (ampliado com o uso de anquinhas ou *paniers*) e continha bordados de flores, fitas, laços, pedras preciosas e rendas na horizontal. A sobressaia era cortada de modo que, quando presa ao corpete, ficasse aberta, no formato de um V invertido, permitindo, assim, visualizar parte da saia. A sobressaia continha também bordados de flores, fitas, laços, pedras preciosas e rendas na diagonal.

Muitos tecidos eram produzidos em seda.

Estilo Rococó



Jean-Baptiste-André Gautier Agoty. *Maria Antonieta, rainha da França*, 1775. Óleo sobre tela, 160 cm x 128 cm. Palácio de Versalhes, Versalhes, França.



Desfile da grife Saint Laurent. Coleção primavera-verão de 1990.

Neoclássico

A moda neoclássica, uma revisita aos modelos da Antiguidade clássica greco-romana – cujo início conviveu com o Rococó –, surgiu no final do século XVIII (18) e permaneceu durante boa parte do século XIX (19). Ela contou com diversos estilos:

- **Estilo Diretório (1795-1799):** período que se caracterizou como um momento de transição – do estilo Luís XVI (16) (rei que foi deposto, acontecimento que marcou o fim da monarquia na França) à influência do Império e da regência de Napoleão Bonaparte, após a eclosão da Revolução Francesa, cuja data marcante é 14 de julho de 1789 (dia da Queda da Bastilha). A revolução, que substituiu a monarquia por uma república democrática, buscando eliminar os privilégios da nobreza e do clero, provocou profundas mudanças no país e influenciou toda a Europa com os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A influência atingiu também a moda. Saias amplas, cinturas marcadas e o uso de *corsets* e *paniers* foi abandonado; também os tecidos mais pesados foram abolidos, sendo substituídos pela leveza da musselina e do algodão em roupas que valorizavam as formas naturais do corpo.

Estilo Diretório



Jacques Louis David. *Madame Pierre Seriziat com seu filho, Emile*, 1795. Óleo sobre painel, 131 cm x 96 cm. Museu do Louvre, Paris, França.



Desfile de Peter Som. Coleção primavera-verão de 2007.



No laboratório de informática, conheça mais o **Estilo Império** acessando o site do Musée National du Château de Malmaison.

Disponível em: <<http://www.chateau-malmaison.fr>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

- **Estilo Império (1804-1815):** o período marca a ascensão e a queda do Império de Napoleão Bonaparte, caracterizado pelas obras monumentais que o imperador construiu e por um estilo pessoal que primava pelos adornos no vestuário e pela riqueza de detalhes. Sua esposa, Josefina, criou modelos inovadores de vestidos.

Uma das moradias do casal foi transformada no Musée National du Château de Malmaison (Museu Nacional da Casa de Malmaison, Rueil-Malmaison, França), que pode ser visitado virtualmente. Os trajes utilizados pela imperatriz estão lá expostos.

Observe nas fotos a seguir como a linha da cintura se altera, passando para baixo do busto. As roupas exibem simplicidade e livre caimento, lembrando os trajes usados pelas mulheres no período greco-romano (toga e *chiton*). Geralmente, os vestidos continham caudas ou barras mais compridas nas costas e bordados em bainhas, decotes e mangas. As mulheres jovens usavam cores mais suaves, e as mais maduras, cores mais fortes.

Estilo Império



François Joseph Kinson (atribuído). *Elisa*. Óleo sobre tela, 217 cm x 142 cm. Palácio de Fontainebleau, Fontainebleau, França.



Celebridade em evento de gala, 2007.

- **Estilo Regência ou Georgiano (1811-1830):** o nome “georgiano” faz referência aos reis da Inglaterra George III (terceiro), o pai, e George IV (quarto), o filho. A moda caracterizou-se pela volta gradativa de espartilhos e corpetes. As saias assumiram forma de cone ou de sino, tornando-se mais pesadas devido a tecidos encorpados, babados e adornos próximos da barra. As mulheres passaram a utilizar anáguas, formadas por várias camadas de tecido.



- **Estilo Vitoriano (1830-1860):** esse estilo marcou a ascensão da jovem rainha Vitória ao trono inglês. Na moda, os vestidos ganharam uma armação pesada: a **crinolina**.

Saias grandes, estufadas e bufantes eram sustentadas por essa armação, e as mangas seguiam o mesmo estilo, contando com babados e laçarotes.

A parte superior do vestido vitoriano era constituída por corpete, gola, mangas ajustadas ao corpo e punhos. A parte inferior, estruturada pela crinolina, era feita de várias camadas de diferentes tecidos e tons, adornados com rendas, babados, laços e, em geral, pérolas.

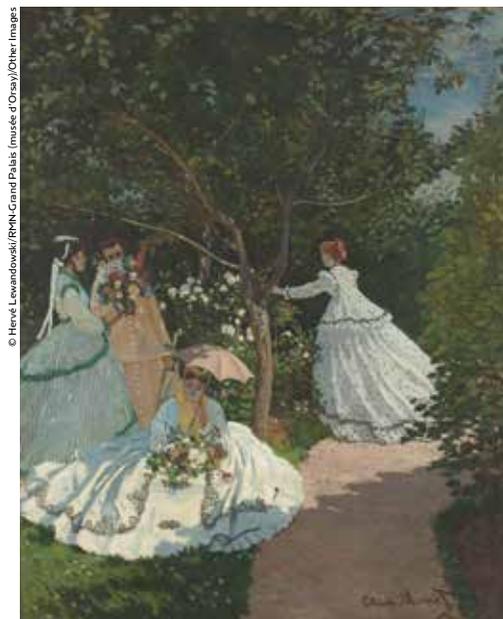
As cores usadas eram claras para as mulheres mais jovens e escuras para as casadas. Após o casamento da rainha, as cores e as estampas das roupas tornaram-se mais sóbrias e escuras.

Crinolinas eram armações feitas, a princípio, de crina de cavalo entrelaçada (de onde deriva seu nome). Posteriormente, passaram a ser produzidas com aço, varetas de bambu ou barbatanas, que, presas na cintura, conferiam ainda mais volume às saias.

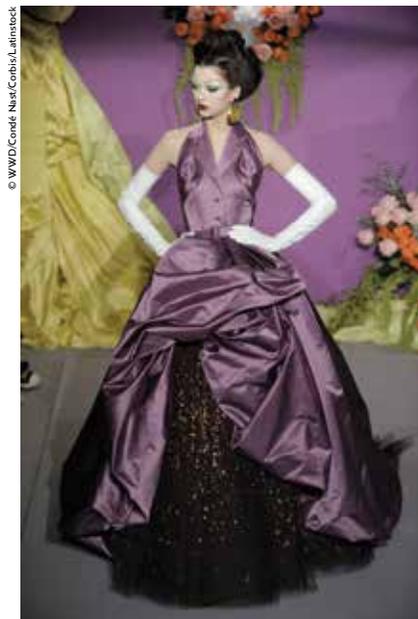


Anônimo. *O império da crinolina*. Litografia colorida, 46 cm x 36,4 cm. Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo (MuCEM), Paris, França.

Estilo Vitoriano



Claude Monet. *Mulheres no jardim*, 1867. Óleo sobre tela, 25,5 cm x 20,5 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.



Desfile de alta-costura da grife Dior. Coleção primavera-verão de 2010.

- **Estilo Eduardiano (1890-1911) ou Belle Époque, que estava em seu auge nessa época:** sucedeu o Estilo Vitoriano e trouxe mais mudanças ao mundo da moda, que foi então marcado pelo luxo das roupas, por imensos e detalhados chapéus femininos, plumas e bordados.

Os vestidos desse período valorizavam ainda mais a cintura fina e os quadris volumosos.

Resgatou-se o uso de tecidos leves e cores claras, rendas, drapeados e estampas com motivos florais.

A parte frontal dos vestidos era exageradamente ornamentada, com a utilização de laços e rendas. Essa característica da parte frontal, as anáguas e, sobretudo, o espartilho faziam com que as mulheres ficassem com a silhueta em S, quando vistas de perfil: quadris largos e busto avantajado pelo exagero de detalhes no tecido.



Você sabia?

A chamada **Belle Époque** é um período da história (aproximadamente entre 1871 e 1914) que trouxe importantes mudanças, especialmente para as artes.

Foi uma época do culto ao que era belo, propiciado por um grande número de invenções, como o cinema, o telefone, o telégrafo, movimentando o mundo das artes e das comunicações.

Estilo Eduardiano ou Belle Époque



Henri Gervex. *Senhora Valtesse de la Bigne*, 1889. Óleo sobre tela, 200 cm x 122 cm. Museu d'Orsay, Paris, França.



Vestido de alta-costura da grife Lacroix. Coleção primavera-verão de 2009.



E o vento levou (*Gone with the Wind*, direção de Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood, 1939) conta a saga de uma família durante a Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América. Nele, Scarlett O'Hara é filha de fazendeiros que perdem sua propriedade e toda a riqueza durante a guerra. O figurino do filme ilustra bem como o espartilho era peça essencial para a moda de meados do século XIX (19).

Por baixo dos ornamentos exteriores que completavam sua *toilette*, a mulher da moda, no início da década de 1900, era encerrada em várias camadas de roupa de baixo. Vestir-se e despir-se eram tarefas laboriosas, que levavam tempo e exigiam a assistência de uma criada de quarto. Primeiro vinham a *chemise* e os calções ou combinações de algodão branco, elaborados com bordados brancos vazados, adornados com renda e finos cordões de fita. Em seguida, vinha o espartilho, o componente crítico na definição da forma, que ditava a postura e as linhas das roupas exteriores. As mulheres queixavam-se do desconforto dos espartilhos, e os reformadores da moda, entre eles médicos, deploravam o prejuízo físico que estas peças de vestuário infligiam aos ossos e órgãos internos.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 2.

A costura no século XIX (19)

Vimos anteriormente que os profissionais da moda – alfaiates, costureiros e modelistas – já existiam há algum tempo. Foram eles que criaram, modelaram, cortaram, costuraram, adornaram as vestimentas com fitas, rendas, laços, babados, flores artificiais e até mesmo pedras preciosas. Pouco se divulgou, no entanto, sobre os profissionais que trabalharam na confecção das roupas.

Um dos primeiros nomes conhecidos nesse ramo é o do inglês Charles Frederick Worth (1825-1895), considerado o primeiro costureiro da história a assinar seus modelos.



Retrato de Charles Frederick Worth, 1895.

Além de ser o mais famoso costureiro do século XIX (19), Worth foi também o primeiro a realizar desfiles de moda. Esse profissional criou a chamada **alta-costura** e estabeleceu um método diferenciado de trabalho, que contava com um costureiro-chefe e uma equipe formada por assistentes, modelistas, costureiras, bordadeiras etc.

Por volta de 1860, Worth passou a vestir a realeza europeia. Uma de suas clientes mais famosas foi a imperatriz Eugênia de Montijo, casada com o imperador francês Napoleão III (terceiro).



Vestido de Worth representado por Franz Winterhalter em *A imperatriz Eugênia*, 1854. Óleo sobre tela, 92,7 cm x 73,7 cm. Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque, Estados Unidos da América.



Alta-costura: Confeção de roupa de maneira artesanal, feita de forma única, com caimento perfeito e produzida de acordo com as medidas do cliente e com as normas da Câmara Sindical da Alta-Costura, o que eleva o preço final. Na alta-costura, tudo é minuciosamente perfeito: da modelagem ao acabamento, passando por corte, montagem e costura.



Vestidos da Casa Worth (à esquerda, de 1887; à direita, de 1892) expostos no Museu Metropolitano de Arte, Nova Iorque, Estados Unidos da América.



Prêt-à-porter (direção de Robert Altman, 1994). A história retrata a Semana da Moda em Paris e a investigação da morte do presidente da Câmara Sindical da Alta-Costura.

A importância de Worth e da concepção de alta-costura para a moda francesa e mundial foi tão significativa que, em 1868, foi criada a *Chambre Syndical de la Haute Couture* (**Câmara Sindical da Alta-Costura**). Com isso, passaram a ser estabelecidas rígidas regras para determinar o que seria a alta-costura e quais costureiros poderiam fazer parte desse grupo seletivo.



Modelo da grife Dior. Coleção primavera-verão de 2010.

Para fazer parte da Câmara Sindical da Alta-Costura, ainda hoje é preciso:

- empregar, em tempo integral, de 15 a 20 funcionários altamente especializados;
- criar duas coleções, cada uma com pelo menos 35 modelos originais para o dia e para a noite, e apresentá-las à imprensa duas vezes por ano (primavera-verão e outono-inverno);
- confeccionar todos os modelos à mão, não sendo aceito nenhum ponto feito à máquina.

Além disso, a *maison* (como é chamado um ateliê de costura na França; fala-se “mesom”) deve obedecer também

a exigências quanto a sua localização: estar entre as avenidas Champs Elysées, Montaigne e Georges V, três das mais importantes de Paris, e ter, pelo menos, cinco andares, um deles com espaço suficiente para realização dos desfiles de roupas.

Enquanto a alta-costura se desenvolvia, com as roupas modeladas diretamente no corpo daqueles que as encomendavam e a preços que poucos podiam pagar, começou também a ser fortalecida a produção de roupas *prêt-à-porter* (fala-se “prétoportê”), ou seja, “prontas para vestir”. Na Unidade 2, você verá esse assunto com mais detalhes.

Máquinas voltadas para a produção de vestuário passaram a ser criadas na metade do século XVIII (18) – início da Revolução Industrial. Em 1767, foi criada a máquina de fiar; em 1769, o bastidor hidráulico; e, dez anos depois, a máquina de fiar híbrida, composta por máquina de fiar e bastidor hidráulico.

Atividade 3

ALTA-COSTURA VERSUS PRÊT-À-PORTER

1. Em trio, leiam a matéria publicada em maio de 2005.



Vitrine global da fantasia

A criatividade e o impacto da alta-costura servem para chamar a atenção do mundo e legitimar os preços do mercado do luxo

Flávia Varella, de Paris



Você sabia?

O *prêt-à-porter* pode ser considerado uma verdadeira revolução na história do vestuário, pois foi com ele que se passou a confeccionar roupas em escala industrial, sem perda da qualidade, mas com redução considerável do custo, quando comparado ao da produção de alta-costura.



Os avanços tecnológicos na moda iniciaram-se com o advento da 1ª Revolução Industrial. A partir daí, houve maior produtividade no setor com outras invenções importantes:

- a máquina de casear, em 1862;
- as máquinas de pregar botões e de corte, em 1875.

Duas vezes por ano, em janeiro e julho, vestidos suntuosos e extravagantes aparecem na televisão, nas revistas, nos jornais de todo o mundo. A sofisticação, a profusão de detalhes e a beleza das roupas arrancam suspiros. Ou gritos de incompreensão diante da fantasia desatinada das peças, que às vezes beira a provocação pura e simples – como a “noiva africana” na foto a seguir, que parece saída da cabeça de um Picasso experimentando substâncias proibidas mas foi apenas mais um dos atrevimentos do estilista Jean-Paul Gaultier. “Para que servem essas roupas?”, bradam os inconformados.

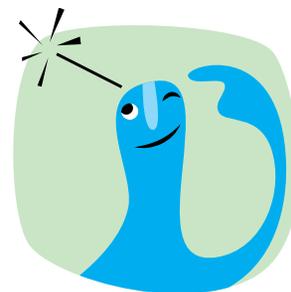


PICASSO PSICODÉLICO

A “noiva africana” de Jean-Paul Gaultier, exemplo da liberdade de arriscar e do virtuosismo dos criadores: “A alta-costura não é feita para vender, mas para encantar e aprimorar a moda”.

Os desfiles de **alta-costura** são o ápice da criatividade, a vitrine global e o momento máximo de autocelebração do mundo da moda. As grandes grifes costumam apresentar entre seis e nove coleções femininas por ano. Mas apenas as duas de alta-costura, mostradas sempre em Paris, têm repercussão planetária garantida. Só nelas a habilidade de fazer uma roupa artesanalmente – o que os franceses chamam de *savoir-faire* – é levada ao extremo e pode ser admirada da ponta do chapéu ao bico do sapato, no corte e no caimento, no acabamento, no bordado, nos laços, nas plumas. As coleções de *prêt-à-porter*, que depois das passarelas são replicadas em escala industrial e distribuídas nas lojas por todo o mundo, podem fazer sucesso, vender bem ou mesmo passar despercebidas, sem grandes consequências. Não as de alta-costura. É por isso que as *maisons* chegam a gastar o equivalente a 3,5 milhões de reais em um desfile de vinte minutos. É por isso que seus estilistas têm a liberdade de arriscar, de esbanjar virtuosismo e inventividade, de mostrar manequins com máscaras africanas, vestes de faraós egípcios ou em trajes de mendigos. A consultoria americana Right Angle Group calcula que um desfile desses gere uma cobertura nos meios de comunicação que, se paga, sairia por oito vezes mais do que o custo do desfile – isso apenas nas revistas dos Estados Unidos.

A alta-costura serve para duas coisas: chamar a atenção do mundo todo para determinada marca e atrair a seus ateliês um punhado de clientes afortunadas, capazes de encomendar vestidos iguais ou inspirados nos dos desfiles, só que feitos sob medida para elas. A primeira função é de longe a mais importante. A esta altura todo mundo sabe que as grandes marcas de luxo vivem majoritariamente de vender perfumes, cosméticos e acessórios, tudo a preços olímpicos. A alta-costura alimenta a imagem de luxo desses produtos e, como se diz no jargão do mercado, legitima seus preços.



A **alta-costura** não assume apenas essas funções. Ela teve papel fundamental na evolução da produção da moda. É importante ressaltar que mesmo o *prêt-à-porter*, que tem características diferenciadas e conta com produção em escala industrial, alimenta-se das pesquisas e do ciclo da exclusividade, qualidade e luxo desenvolvidos pela alta-costura.

“A atividade alta-costura como venda de vestidos caríssimos para bailes que não existem mais é obsoleta, mas como geradora de desejos e promotora do consumo ela é imbatível”, afirma o consultor de moda francês Jean-Jacques Picart. No sábado seguinte ao desfile de alta-costura do inverno passado, apenas a boutique da Christian Dior na Avenida Montaigne, em Paris, recebeu a visita de 5.000 pessoas. A maioria sai com alguma coisa nas mãos – no mínimo um batonzinho.



ELEGÂNCIA NA ESTREIA

Vestido da primeira coleção de alta-costura de Giorgio Armani: “Clientes não compravam porque queriam ajustes de tamanho ou de modelo. Agora, pedidos atendidos”.

O termo alta-costura é juridicamente protegido. Só pode dizer que a faz quem atende aos critérios estabelecidos pela Câmara Sindical da Alta-Costura, criada no século XIX [19]. Em 1858, o inglês Charles Frederick Worth abriu um ateliê na Rue de la Paix, em Paris, e convidou clientes como a imperatriz Eugenia, mulher de Napoleão III [terceiro], para ver seus vestidos em modelos de carne e osso, uma novidade. Com isso, inventou tanto os desfiles de moda como a alta-costura. Anos depois, Worth e seu filho criaram a Câmara Sindical e os requisitos para quem quisesse integrá-la. Hoje, as *maisons* devem ter uma cota básica de funcionários fixos que se dedicam apenas à alta-costura e apresentar duas coleções por ano com no mínimo 25 modelos cada uma. Cada peça é inteiramente feita à mão, a única maneira de garantir que o avesso será tão bonito e bem-acabado quanto o direito, um dogma do ofício. É também exclusiva, ou praticamente. Um mesmo vestido terá no máximo duas clientes, sempre de continentes diferentes.

Em geral, a roupa nasce de um croqui, que será interpretado pela funcionária chamada *première de l'atelier* num protótipo feito de tecido comum. Ao contrário das roupas *prêt-à-porter*, não há moldes de papel para orientar o corte. A roupa é cortada e alinhavada diretamente num manequim de madeira, preparado a partir das medidas precisas da cliente. A primeira prova é feita com o protótipo. Só então o tecido definitivo será cortado e montado pelas costureiras, chamadas de *petites mains*, mãozinhas. Seguem-se mais duas provas até a roupa ser entregue. Nas *maisons*, em geral, existem dois ateliês, o *fou*, onde são feitos os trajes de noite, sobretudo vestidos, e o *tailleur*, para blusas e saias. “São ‘mãos’ diferentes: a costureira de um ateliê não é capaz de fazer bem uma peça do outro, e vice-versa”, explica Catherine Rivière, diretora de alta-costura da Dior. Um *tailleur* demora 45 dias para ficar pronto. “Se a cliente estiver sempre disponível para as provas”, ressalta Catherine, que atende pessoalmente as 200 clientes habituais da Dior alta-costura. Ela e suas assistentes viajam constantemente com vestidos e protótipos de prova na bagagem. “Metade de nossas clientes é do Oriente”, diz.

O número de clientes de alta-costura de todas as grifes reunidas não é muito maior do que as 200 privilegiadas que fazem suas encomendas na Dior. Pouquíssimas são as mulheres que, como a rainha Sirikit, da Tailândia, podem encomendar 25 trajes num ano. E raras são as oportunidades, como o casamento do rei do Marrocos, com 2.000 convidados, três dias de recepções e trinta vestidos só para a noiva. A alta-costura é deficitária em várias *maisons* porque o preço dos vestidos – de 35.000 a 350.000 reais – muitas vezes não cobre o custo dos materiais e da mão de obra (que inclui o estilista, claro), ambos especializadíssimos e caríssimos. Pascal Morand, economista e diretor do Instituto Francês de Moda, estima que nas poucas empresas em que a alta-costura resiste a atividade represente entre 2% e 3% do faturamento geral. Mesmo o sucesso nessa área não garante a sobrevivência dessa espécie ameaçada. O exemplo mais recente foi o de Christian Lacroix, o mestre da combinação de padronagens e das cores ibericamente fulgurantes. Embora as encomendas de vestidos de alta-costura fossem consideráveis, ele dava prejuízo na área de acessórios e *prêt-à-porter* e acabou vendido pelo grupo LVMH.



EXPLOSÃO NA DESPEDIDA

O último desfile de Christian Lacroix, mestre das cores exuberantes: no fim da II Guerra, havia 100 casas que faziam alta-costura; hoje, são menos de dez.

Ainda assim, a empresa suportou as contas no vermelho durante anos, aguardando o retorno indireto. “A alta-costura é o que justifica a sofisticação do nosso *prêt-à-porter*”, costuma dizer a presidente da Chanel, Françoise Montenay. François Lesage, cuja oficina de bordado trabalha para os grandes criadores há quase 150 anos, resume: “A alta-costura não é feita para vender; a noção de preço não faz parte do jogo. Ela é um monumento cultural que serve para encantar e aprimorar a moda, só”. Nos dois meses que antecedem os desfiles, os ateliês das *maisons* param com as encomendas para se dedicar às roupas cujo único objetivo é deslumbrar. Na Dior, o número de costureiras passa das setenta regulares para 100. No último desfile Chanel, um único vestido foi trabalhado durante 450 horas pelas costureiras da casa e consumiu mais 350 para ser bordado no ateliê de *monsieur* Lesage. “A alta-costura é um laboratório onde testamos a viabilidade de novas ideias e técnicas. Com tantas *maisons* deixando a atividade, é uma chance poder continuar mostrando toda a habilidade dos ateliês e realmente deixar a imaginação voar”, disse John Galliano a *Veja*.

No fim da II Guerra Mundial, havia mais de 100 *maisons* que faziam alta-costura. Hoje são menos de dez. Em 2004, houve vinte desfiles em quatro dias. Neste ano, dezesseis em três dias. A cada véspera das

semanas de desfile, a imprensa de moda faz reportagens sobre a crise da alta-costura e se pergunta se ela está acabando. Cada desistência é contabilizada como uma pá de cal. E foram muitas recentemente: Yves Saint Laurent, Emanuel Ungaro, Givenchy, Balmain, Donatella Versace, Hanae Mori. Lacroix, com nova direção, muito provavelmente será o próximo. Agora, os pilares do setor são Chanel, Dior e o italiano Valentino, que faz alta-costura há meio século e é um dos poucos para quem os vestidos sob medida representam uma atividade importante mesmo financeiramente. O mais recente membro é Jean-Paul Gaultier, bancado pelo grupo Hermès, que começou a mostrar sua alta-costura em 1997. O desfile de estreia de Giorgio Armani neste ano foi visto como uma lufada de esperança. O estilista italiano, que é dono de sua própria marca, disse que decidiu se lançar na alta-costura porque via vestidos caríssimos e sofisticados não serem vendidos em suas lojas, mesmo havendo clientes que os adoravam. “Elas não compravam porque precisavam de ajustes de tamanho ou queriam uma manga diferente, um colo menos decotado. Agora faremos como for pedido”, explicou Armani. Os 32 modelos mostrados – na maioria “glamourosos vestidos em rabo de peixe, elegantes e perfeitamente usáveis”, dentro da visão prática do estilista – custarão, sob medida, entre 60 000 e 200 000 reais.

Além de chamar atenção e despertar desejos consumistas, os desfiles servem para apresentar o tema em torno do qual uma grife vai desenvolver suas linhas de *prêt-à-porter* e acessórios e até sua estratégia de marketing para a estação. Um bordado em canutilhos e miçangas, por exemplo, pode virar uma estampa de blusas *prêt-à-porter*. No ano passado, Karl Lagerfeld convidou Nicole Kidman para assistir ao desfile. Os fotógrafos, que haviam sido obrigados a comparecer vestidos de preto, provocaram um tsunami humano para fotografá-la. Pouco depois, surgiu nas revistas e em *outdoors* a nova publicidade do perfume Chanel nº 5, com Nicole Kidman posando de diva, assediada por paparazzi (e caída nos braços de Rodrigo Santoro). E agora, nesta primavera europeia, as vitrines da loja estão decoradas com uma manequim cercada de *flashes*, câmeras e bustos de fotógrafos. Tudo bem pensado e planejado, sem nada da “maluquice” das passarelas.

VARELLA, Flávia: Vitrine global da fantasia. *Veja*: Edição Especial Moda & Estilo, maio 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/estilo_2005/p_040.html>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Nome	Como se fala
<i>Petites mains</i>	Petite mãñ
<i>Flou</i>	Flu
<i>Tailleur</i>	Taier

2. Terminada a leitura, respondam às questões a seguir.

a) Quais são as etapas apresentadas no texto para a criação de peças de alta-costura?

b) Na opinião do trio, por que algumas grandes grifes ainda apostam na alta-costura?

c) Escrevam com suas palavras as características da alta-costura e do *prêt-à-porter*.

Alta-costura	<i>Prêt-à-porter</i>
<hr/>	<hr/>

A MODA NO SÉCULO XX (20)

Na Unidade 1, você estudou as diferenças entre o que é moda e o que é vestuário. Conheceu também a história e a evolução desses conceitos até o final do século XIX (19). Nesta Unidade será abordada a moda no século XX (20).

Para aprofundarmos a compreensão do que é moda, é possível afirmar que ela é:

- um sistema composto por várias partes: desenho, modelagem, costura, bordado etc. Embora cada uma das partes seja independente, umas dependem das outras para que o sistema funcione completamente. Por exemplo: não existe a possibilidade de costurar uma roupa sem que ela esteja cortada;

ou pode ser apenas:

- o modelo da roupa que você escolhe de manhã para vestir.

Podemos também dizer que a moda acompanha pensamentos, sentimentos, desejos e expectativas de determinada época, de certo lugar e de um grupo da sociedade. Isso quer dizer, como você já viu, que a moda se transforma de tempos em tempos em relação ao lugar e às pessoas.

Gabrielle Bonheur Chanel (1883-1971), conhecida como Coco Chanel, grande criadora de moda do século XX (20), definia moda como algo que está presente não apenas nas vestimentas, mas em todas as situações que vivemos e estreitamente ligada aos costumes e aos fatos. Atribui-se à estilista a frase: “A moda muda, o estilo permanece”.

Mas o que é estilo?

Que tal realizar uma atividade semelhante à da Unidade 1, mas agora discutindo o que é estilo?

Atividade 1

○ QUE É ESTILO?

1. Em sua opinião, o que é estilo? Escreva, nas linhas a seguir, o que lhe vem à mente quando ouve a palavra estilo.

2. Troque o que escreveu com um colega. O que há de semelhante e de diferente entre sua resposta e a dele? Anote o que encontrou em comum entre elas.

3. Forme uma dupla e escrevam um parágrafo a partir da frase:

Estilo é...

Estilo

O conjunto de transformações ocorridas em grupos sociais, em diversos lugares e épocas, é revelado pela moda e acaba definindo um estilo.

Vamos recorrer ao dicionário para auxiliar na compreensão da palavra estilo:

Estilo

1. Modo de se expressar de uma pessoa, falando ou escrevendo (*estilo simples, estilo elegante*).

2. Modo elegante e correto de escrever: *O autor dessa crônica tem estilo.*

[...]

7. Elegância, requinte, charme: *Essa roupa tem muito estilo.*

8. Conjunto de tendências, formas de comportamento, preferências etc. próprios de um indivíduo ou grupo: *Essa festa não é do nosso estilo.*

9. Maneira pessoal de dançarino, cantor, jornalista, esportista etc. destacado apresentar o seu trabalho: *o estilo de Tom Jobim.*

10. Art. pl. Arq. Mús. Liter. Conjunto de características que identificam e diferenciam uma obra, um artista ou determinada época ou movimento (*estilo barroco, estilo machadiano*).

11. Conjunto de características que marcam determinada manifestação cultural (*estilo funk*).

[...]

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Mas, afinal, o que é estilo? Podemos dizer que estilo é o conjunto de características de uma pessoa, um objeto, uma época, uma música, um lugar, um ritmo etc.

Pode haver um estilo único ou vários estilos em uma roupa, por exemplo.

A moda está repleta de exemplos de estilo. Vamos observar agora os estilos de moda ao longo da história do século XX (20).

Início do século XX (20)

As características mais marcantes das roupas das primeiras décadas do século XX (20) sofriam muita influência da Belle Époque (ou Estilo Eduardiano): saias e vestidos longos, tecidos leves, babados, bordados, motivos florais, de preferência em tons pastel, e a ênfase pelos modelos que privilegiassem a “silhueta S”.

Nessa época, há uma popularização do uso de peles de animais, que passam a fazer parte de golas, punhos e forros de mantôs e de casacos. Casacos de peles, por exemplo, foram moda e objeto de desejo de muitas pessoas até os anos 1970, altamente criticados na atualidade em razão dos movimentos de proteção aos animais.

Atividade 2

PELES DE ANIMAIS



1. Em grupo de cinco pessoas, façam uma pesquisa na biblioteca e na internet sobre o uso de peles na moda, observando o roteiro a seguir.

a) Em que período o uso de peles tornou-se moda?

b) Por que, na opinião do grupo, o uso de peles é adotado no Brasil, que tem um clima tropical, caracterizado por elevadas temperaturas?

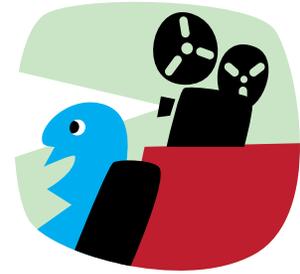
c) O uso de peles é questionado pela sociedade? Por quê?

O movimento sufragista

No final do século XIX (19), mulheres de alguns países, como Nova Zelândia e Inglaterra, começaram a reivindicar o direito ao voto e, com isso, procuraram garantir maior participação política. Era um passo para a luta pela igualdade. Algumas, em busca de emancipação e direitos políticos, saíram às ruas para exigir esse direito. A toda essa ação deu-se o nome de movimento sufragista.

Como você já observou na Unidade 1, a moda sempre acompanha os acontecimentos da sociedade. Portanto, as sufragistas, nome dado às participantes do movimento, foram pioneiras também na moda do período: substituíram vestidos delicadíssimos pelo *tailleur* (conjunto de saia e casaquinho, tipo paletó) e por roupas mais práticas.

No Brasil, o primeiro município a conceder um título de eleitor a uma mulher foi Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, em 1927.



O filme *Anjos rebeldes* (*Iron Jawed Angels*, direção de Katja von Garnier, 2004), que retrata a luta das mulheres pelo direito ao voto, apresenta como elas se organizaram, as estratégias empregadas (passeata, greve de fome) e, em consequência, a resposta do poder policial.



Manifestação de sufragistas em Londres, Inglaterra. Ilustração publicada em *Le Petit Journal*, Paris, 1908.

Denominam-se Guerras Mundiais os grandes conflitos armados que aconteceram em dois momentos:

A **1ª Guerra Mundial** (1914-1918) contou com a união de países e impérios, como a França e os impérios russo e britânico. Os Estados Unidos da América alimentavam a guerra com armamentos e outros suprimentos, mas participaram efetivamente do conflito apenas em 1917, ao perceberem que seus investimentos estavam em risco.

A **2ª Guerra Mundial** (1939-1945) envolveu Europa, Ásia e África. As ideias de racismo e superioridade marcavam o nazismo, tendo como representante Adolph Hitler (Alemanha), e o fascismo, com Benito Mussolini (Itália) e o general Francisco Franco (Espanha). O saldo da guerra foram milhões de mortos e cidades em ruínas.

Anos 1920

A década de 1920 foi repleta de acontecimentos importantes, muitos deles contraditórios. De um lado, a Europa procurava se recuperar da devastação da **1ª Guerra Mundial**, sofrendo com crises de abastecimento de alimentos, inflação e dificuldade de recuperação econômica. De outro, a disseminação do uso da energia elétrica em larga escala por indústrias e residências possibilitou uma série de inovações tecnológicas e a modernização da produção nas fábricas.

Nos Estados Unidos da América, a produção na indústria foi profundamente modificada com as novas formas de organização do trabalho, conhecidas como taylorismo.

Frederick Taylor (1856-1915), engenheiro mecânico, nasceu nos Estados Unidos da América. Seu pensamento sobre a organização do trabalho influenciou a sociedade de maneira geral.

Essa organização do trabalho, criada por ele, buscava o melhor modo de se produzir em menos tempo. Cada etapa da produção era dividida em pequenas tarefas, todas elas cronometradas.

Também na área da indústria e seguindo os passos de Taylor, Henry Ford (1863-1947) criou a esteira mecânica e reduziu ainda mais o tempo de produção. Ford constatou, no entanto, que não adiantaria produzir mais sem aumentar o consumo, por isso planejou o primeiro carro popular da história: o Ford T. Ainda pensando na sociedade de consumo, aprimorou sua estratégia ao criar o que seria uma das maiores transformações no mundo: a ideia do *american way of life* (estilo de vida americano). Em resumo: a felicidade era baseada no consumo.



A prosperidade dos anos 1920 criou um clima de confiança na economia tanto nos Estados Unidos da América como na Europa – nesta, a partir de cerca de 1925, já que nos primeiros anos da década, no pós-guerra, como você viu, os países ainda buscavam recuperar sua economia.

Nos Estados Unidos da América, porém, altos investimentos em ações na bolsa de valores e lucros exorbitantes com a compra e a venda de papéis – ou seja, sem produzir bens ou serviços –, embora aparentando um momento de grande progresso, levariam a consequências desastrosas.

No início de 1929, a economia estadunidense começou a dar sinais de crise, com a redução na produção de aço, na indústria da construção civil e na venda de automóveis. Iniciou-se uma ampla venda de ações, movimento que culminaria na chamada Quinta-Feira Negra. Em 24 de outubro, milhões de ações foram postas à venda, mas, como não havia compradores, elas perderam valor, quebrando a bolsa de valores de Nova Iorque.

Tal crise se alastrou dos bancos à produção agrícola e industrial. Muitas empresas foram à falência e milhares de trabalhadores, despedidos. A miséria atingiu as cidades e os campos, lançando desespero a vastas camadas da sociedade estadunidense.

Embora tenha tido início nos Estados Unidos da América, a crise se estendeu para vários outros países, atingindo quase toda a Europa entre 1929 e 1933. Esse período ficou conhecido como a Grande Depressão.

A lógica do consumo desenfreado nos Estados Unidos da América, nos anos 1920, foi acompanhada de um forte movimento cultural e estético. Na música estadunidense, por exemplo, ganharam destaque ritmos que, até então, eram símbolos da cultura afro-americana, como o *jazz* e o *blues*. Na dança, o *charleston* levou para os salões o despojamento e a liberdade.



Dançarinas de *charleston*.

A recuperação econômica da Europa e a conseqüente prosperidade, assim como a própria experiência da guerra, levaram a um período de busca da liberdade, formação de novos hábitos e valores nas sociedades – em conseqüência, novas necessidades de atividades culturais e artísticas, entre elas a moda.



Embora inúmeros filmes tenham retratado esse período, você pode assistir a estes: *O artista* (*The Artist*, direção de Michel Hazanavicius, 2011), *Meia-noite em Paris* (*Midnight in Paris*, direção de Woody Allen, 2011), e *O Grande Gatsby* (*The Great Gatsby*, direção de Jack Clayton, 1974).

As mulheres lutaram, com o movimento sufragista, por igualdade pelos direitos ao voto e ao divórcio. Nos salões se dançava de maneira descontraída, e o cinema produzido em Hollywood fazia enorme sucesso.

Na moda, as produções de **Paul Poiret** (1879-1944), Coco Chanel e Jeanne Lanvin (1867-1946) deram origem a um novo conceito, com o fim dos espartilhos e do enorme volume dos vestidos. Surgiu a figura das melindrosas, mulheres que adotaram essa forma de vestir e passaram a usar cores fortes na maquiagem (algo antes restrito a atrizes e prostitutas). As **melindrosas** eram consideradas mulheres modernas: fumavam em público, comportavam-se de forma mais livre e natural, espontânea, seriam o próprio espírito da era do jazz.



Foto: © Underwood & Underwood/Corbis/Latinstock

Paul Poiret ajustando uma de suas criações, c. 1930.



Melindrosas dançam em parapeito de prédio.

No Brasil, uma mulher se destacou nesse período: Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), a Pagu, jornalista, escritora, tradutora, professora, diretora teatral, libertária, feminista, militante do Partido Comunista, presa diversas vezes.

Pagu integrou o movimento antropofágico, ao lado do casal formado pelo escritor Oswald de Andrade (1890-1954) e pela pintora Tarsila do Amaral (1886-1973), tornando-se musa dos modernistas, ainda que não tenha participado da Semana de Arte Moderna de 1922, pois tinha, então, apenas 12 anos.

O cinema, o teatro, as exposições de obras de arte e os esportes também ganharam projeção e se popularizaram, passando a fazer parte da vida de um número cada vez maior de pessoas.

A moda nos anos 1920

No mundo da moda, o cinema era a principal influência. Com o surgimento dos filmes sonoros e a construção de salas apropriadas, a chamada sétima arte se popularizou.

Outra característica marcante que influenciou a moda foi a emancipação feminina. A liberação do uso de espartilhos pôs fim ao sacrifício imposto pelos trajes, e a mulher começou a se vestir de forma mais confortável.

O padrão de beleza feminino também se transformou: seios e quadris pequenos eram o ideal de beleza, e as roupas não ressaltavam mais as curvas femininas.

Os tecidos empregados eram leves e com movimento, que combinavam com o *charleston*, a dança em voga. O comprimento das saias subiu, encurtado até os joelhos, e as meias cor da pele garantiam o frescor dos trajes.

Chapéu, longos colares de contas e cabelos curtos complementavam o visual da moda usada nos salões.

Estilo anos 1920



Modelo do estilista Lucian Lelong, c. 1928.

© Condé Nast Archive/Corbis/Lainstock



Desfile da grife Gucci. Coleção primavera-verão de 2012.

© WWD/Condé Nast/Corbis/Lainstock



Corte enviesado: Corte do tecido no sentido diagonal, sempre tendo como referência a orelha, região das bordas. Esse tipo de corte consome o dobro de tecido, mas faz com que a peça tenha maior elasticidade, concedendo à roupa caimento diferenciado.

Os especialistas em confecção de roupas consideram que o **moulage** torna mais fácil a realização do molde bidimensional ou plano, pois permite perceber antecipadamente os problemas que a construção da peça pode apresentar.

Duas grandes estilistas marcaram o período: Madeleine Vionnet (1876-1975) e Gabrielle Coco Chanel.

Madeleine Vionnet

Essa estilista inovou com o **corte enviesado**, que garantia aos vestidos melhor caimento. Sua técnica, o **moulage** (“modelagem”, em francês; fala-se “mulage”), consistia em modelar o traje diretamente no corpo das clientes ou em bonecas de madeira, a fim de conferir e garantir o efeito da roupa. Por essa razão, foi chamada de “purista da moda”, e suas criações são até hoje expostas em museus de arte pelo mundo afora.



Peça de vestuário feita em *moulage* por Madeleine Vionnet.

Coco Chanel

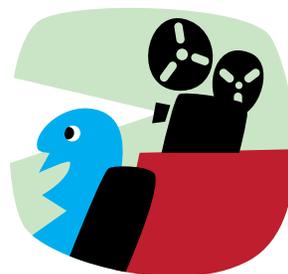
Essa estilista captou o clima de emancipação feminina presente na sociedade da época, pois seus modelos davam maior liberdade de movimento às mulheres, fornecendo um toque de praticidade às vestimentas.

Sua criação mais conhecida até hoje é, provavelmente, o “pretinho básico”: um vestido simples, na cor preta,

que pode ser usado em diferentes ocasiões. A ideia original do “**pretinho básico**” era usá-lo com acessórios, adaptando-o à ocasião.



Coco Chanel faz ajustes em um modelo, 1962.



Em *Bonequinha de luxo* (*Breakfast at Tiffany's*, direção de Blake Edwards, 1961), estrelado por Audrey Hepburn, você pode conferir a mais famosa adaptação do **pretinho básico** de Chanel, pelo estilista Givenchy. Chanel foi tão importante no mundo da moda que foram feitos alguns filmes para retratar sua vida. Conheça mais sobre essa grande estilista assistindo a:

- *Coco antes de Chanel* (*Coco avant Chanel*, direção de Anne Fontaine, 2009);
- *Coco Chanel & Igor Stravinsky* (direção de Jan Kounem, 2009).



Modelo vestindo *tailleur* Chanel em desfile.



Desfile da grife Chanel por Karl Lagerfeld. Coleção outono-inverno de 2011/2012.

De 1930 a 1949

Nessa época, o comprimento dos vestidos voltou a ser alterado: saias até o meio das canelas durante o dia e longas à noite, dando-se especial atenção aos decotes nas costas.

O início da 2ª Guerra Mundial, duas décadas após o final da 1ª Guerra, voltou a colocar o mundo em estado de apreensão e dificuldade econômica. A falta de alimentos e outros produtos atingiu também a indústria têxtil. Como já era esperado, esse fato influenciou o surgimento de novos modelos: menos tecidos e aviamentos passam a ditar a moda do período.

As mulheres foram chamadas para compor o mercado de trabalho e ocupar vagas anteriormente preenchidas por homens. Em razão disso, adotavam roupas mais práticas e cores mais sóbrias e escuras.

Terminada a 2ª Guerra Mundial, a alta-costura voltou a ter espaço. Em 1947, Christian Dior (1905-1957) criou um conjunto de saia e blusa conhecido como *New Look*, marcando novamente a cintura e valorizando as formas do corpo feminino, sobretudo seios e quadris.

Estilo anos 1930 a 1949



Modelos com conjuntos de flanela cinza, 1945.



Desfile da grife Chanel. Coleção outono-inverno de 2009/2010.



© Bettmann/Corbis/Lainstock

Conjunto criado por Christian Dior em linhas *New Look*.

Até esse momento, as *maisons* prevaleciam no mercado da moda e ampliavam seus domínios desenvolvendo outros produtos, como acessórios e perfumes.

Ao final da guerra, contudo, essas casas especializadas viram seu crescimento desacelerar, vivenciando uma significativa contenção do mercado, pois era impossível competir com a indústria de confecção, que se ampliava.

Christian Dior foi o primeiro a perceber essas mudanças e transformar seu negócio rapidamente. A criação da moda “duas peças” estava estreitamente ligada ao espírito do *prêt-à-porter* (que você viu brevemente na Unidade 1) e da fabricação da época, que visava reduzir os custos de produção. Para produzir um vestido, precisava-se de um profissional mais especializado, enquanto, para a confecção de uma saia, era possível ser menos exigente em termos de qualificação profissional.

No final da década de 1930, em 1938, uma das principais revistas de informação e variedades do País, *O Cruzeiro*, iniciou a publicação de uma seção voltada à moda feminina, apresentando desenhos de pessoas vestidas com o que seriam os últimos lançamentos. Tratava-se da coluna “As garotas do Alceu”, assinada por Alceu Penna (1915-1980), desenhista, figurinista e ilustrador, que iniciava, assim, uma longa carreira de 28 anos, mostrando com seus traços, à perfeição, não apenas cores, mas até mesmo texturas e tramas dos tecidos, tal a qualidade de sua arte.

Ele também abordava na revista outros temas, como política, esportes e cinema, o que levou a publicação a se tornar referência para as jovens mulheres que se caracterizavam como modernas.

Alceu Penna desenhou figurinos e estampas para desfiles realizados no País e no exterior, trabalhando para a indústria têxtil, inclusive para Carmen Miranda (1909-1955). Confeccionou ainda fantasias para bailes de Carnaval e figurinos para escolas de samba, recebendo inúmeros prêmios. Fez cenografia e figurinos para *shows* e teatro, incontáveis ilustrações para capas e artigos de revistas, cartazes e livros (em particular, os infantis).



Alceu Penna. Croquis. Coleção Cyro del Nero.



Alceu Penna. Croquis. Coleção Cyro del Nero.

De 1950 a 1959

A moda do início da década de 1950 foi influenciada pelo estilo *New Look*, de Christian Dior. Como você pode observar, a cintura fina e marcada, os seios volumosos e os quadris são os pontos mais valorizados nesse estilo. O comprimento da saia é abaixo dos joelhos, e a largura pode variar: da saia lápis, mais justa ao corpo, aos modelos mais amplos, como o godê.



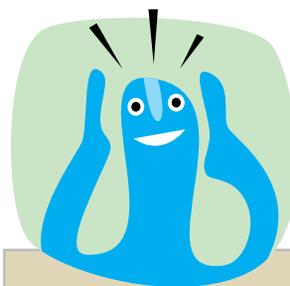
Saia lápis.



Saia godê.

São também característicos desse período:

- *twin-set* (fala-se “tuin sét”; conjunto de blusa e casaco de mangas curtas, três-quartos ou compridas);
- blusas frente única e tomara que caia;
- calças de diferentes modelos: corsário, capri, cigarrete, faroeste (nosso atual **jeans**);
- camisetas;
- blusões estilo *perfecto*;
- lenços na cabeça e no pescoço.



Você sabia?

O **jeans** está presente hoje em todos os lugares e praticamente em todas as situações, mas não foi sempre assim. Ele surgiu no século XIX (19), quando um jovem imigrante alemão que vendia lona para carroças, ao sentir que as roupas dos mineradores precisavam ser mais resistentes, teve a ideia de usar a lona para confeccionar calças. O tecido foi substituído por sarja de algodão, menos rígida, que, aos poucos, deu lugar a fibras mais flexíveis, com tingimentos diversos.

Veja a seguir alguns exemplos desses modelos.



Calça capri clássica.



Calça feroeste.

Estilo anos 1950 a 1959



Saia rodada com padronagem de inspiração chinesa e casaquinho de cetim forrado, c. 1953.



Desfile da grife Oscar de la Renta. Coleção outono-inverno de 2006.

Anos 1960

Essa década transformou costumes e hábitos, e os reflexos foram sentidos na moda. É comum na atualidade a promoção de festas e bailes temáticos inspirados nos anos 1960. Você, como profissional da moda, precisa ficar atento a esses detalhes.

O mundo vivia a descoberta de novas tecnologias e a conquista do espaço com a chegada do homem à Lua. As mulheres avançavam na conquista de maior liberdade e igualdade de direitos.

Na moda, essas mudanças foram traduzidas em um vestuário de silhueta cilíndrica e um tanto andrógina. Na realidade, tratava-se de uma moda que não retratava a feminilidade tradicional, privilegiando, em vez disso, certo teor adolescente.

Foi também nesse período que se consolidou o *prêt-à-porter*, ou seja, as roupas prontas vendidas em lojas com numeração definida. E, pela primeira vez, grifes e confecções começaram a pensar em roupas diferenciadas para os jovens. Muitas referências da moda, nesse período, passaram a vir das ruas. Um bom exemplo foi a minissaia, que provocou uma verdadeira revolução. Embora haja controvérsias a respeito da invenção dessa peça, ela costuma ser atribuída a Mary Quant (1934-), que, se não a criou, sem dúvida foi quem a popularizou.

A partir de 1964, com André Courrèges (1923-), as conquistas espaciais inspiraram as coleções de roupas produzidas pelas confecções. Todas as cores, em especial as fortes e vibrantes, aliadas ao branco, preto e prata, foram utilizadas.

Na segunda metade da década de 1960, a diversidade na maneira de se vestir deu o tom da moda. Surgiram então:

- a moda étnica, trazida pela loja inglesa Biba;
- a moda campestre, da estilista Laura Ashley (1925-1985);
- a moda safári, do estilista Yves Saint Laurent (1936-2008).

Viu-se nesse período uma revitalização de roupas antigas, com a valorização de brechós (lojas de roupas usadas), roupas baratas e versáteis.

No Brasil, os anos 1960, e também a década seguinte, foram uma época de ouro para um dos grandes nomes da costura brasileira: Dener Pamplona de Abreu (1936-1978), um gênio da alta-costura e o primeiro brasileiro a utilizar o próprio nome em sua grife. Detentor de enorme talento para o desenho e a criação de moda, em pouco tempo adquiriu os conhecimentos dos quais necessitaria para, aos 19 anos de idade, abrir seu ateliê de costura: Dener – Alta-Costura.

Dener sempre foi original em seus trabalhos, criando modelos de acordo com as características de suas clientes, como idade e físico, e considerando o fato de o Brasil ser um país tropical. Com ele, iniciou-se um estilo próprio da moda brasileira. Mulheres que costumavam adquirir seus modelos em Paris, ou cópias desenhadas por modistas brasileiros, passaram a comprá-los do ateliê de Dener.

Ganhador de prêmios nacionais e internacionais, tendo concorrido até mesmo com Christian Dior, diz-se que teria sido convidado, e se recusado, a dirigir a Maison Dior após a morte de seu criador.



A modelo Twiggy, em 1966.



Desfile da grife Prada. Coleção primavera-verão de 2013.

A indústria têxtil

Pouco antes da década de 1960, o empresário Caio de Alcântara Machado (1926-2003) havia criado, em 1958, a Feira Nacional da Indústria Têxtil (Fenit), que se tornou o mais importante evento da indústria têxtil e do vestuário, internacionalizando-se e sendo o grande momento da moda, com sucessivos lançamentos de coleções, tecidos etc.

De outro lado, uma das mais importantes indústrias químicas, empresa francesa instalada no País, decidiu realizar uma série de campanhas para promover seu fio sintético. Reuniu os melhores artistas plásticos brasileiros para a criação de desenhos dos tecidos das coleções, entre eles Aldemir Martins (1922-2006), Alfredo Volpi (1896-1988) e Manabu Mabe (1924-1997). Para o lançamento de suas coleções, promoveu desfiles e *shows* com músicos como Caetano Veloso (1942-), Gal Costa (1945-) e Zimbo Trio. Os *shows* eram apresentados na Fenit como verdadeiras superproduções.

Além das feiras, ainda eram feitos editoriais de moda em viagens pelo mundo afora. Entre os estilistas contratados para a realização dos modelos para os desfiles figuravam Dener, que desenvolveu as linhas Café, Seleção Rhodia Têxtil e Brazilian Nature, e também Pierre Cardin (1922-), Paco Rabanne (1934-), Guy Laroche (1921-1989), Ted Lapidus (1929-2008) e Courrèges.

Esses desfiles, sem dúvida, foram da maior importância no desenvolvimento da moda no País, pois formaram profissionais, desenvolveram talentos e apresentaram soluções estéticas que pavimentaram a história da moda no Brasil.

Fontes: POLLINI, Denise. *Breve história da moda*. São Paulo: Claridade, 2007, p. 71-2; PIRES, Roberto. Fenit 40 anos: Deu jacaré na cabeça! *Moda Brasil*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/arquivo/fenit/index.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Anos 1970

O movimento cultural, artístico e social que envolveu os anos 1960 continuou a influenciar a moda dos anos 1970. Liberdade, paz e amor, entre outras, eram palavras-chave desde a década anterior. A moda **hippie** foi um espelho dessa tendência e abusou da irreverência, das cores, dos desenhos geométricos e de motivos chamados de psicodélicos nos tecidos.

A imagem vendida do movimento **hippie** é de jovens drogados, afastados dos problemas da sociedade e só pensando em “paz e amor”. No entanto, seu lado mais vigoroso em geral não é ressaltado. Os integrantes desse movimento questionavam os valores da sociedade capitalista, combatiam o racismo e as guerras.

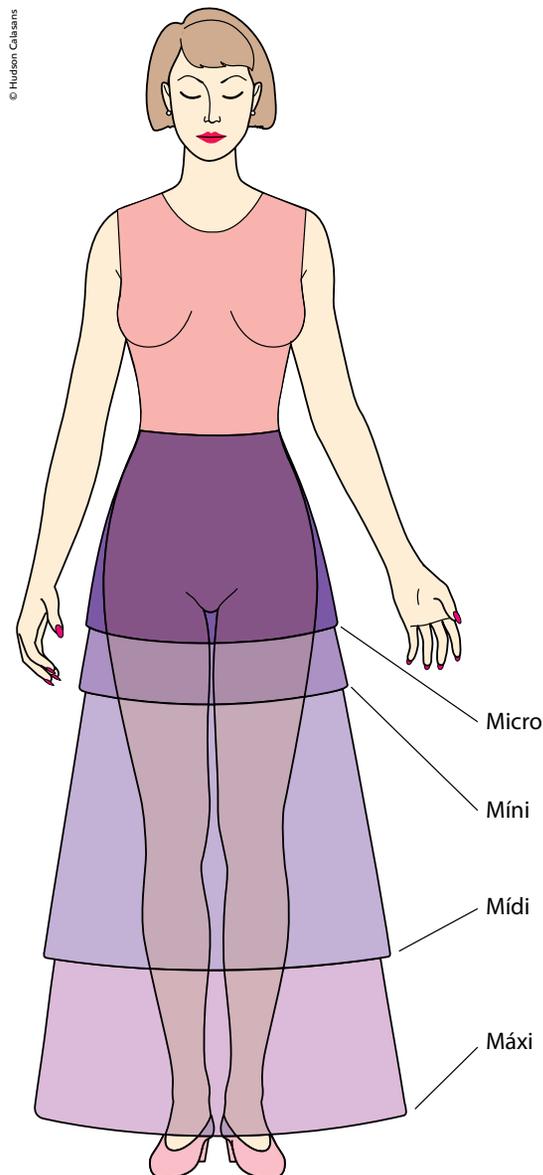


Hippies enfrentam a Guarda Nacional no campus da Universidade da Califórnia, em Berkeley, 1969.

No Brasil, a situação era ainda mais grave, pois o País vivia a ditadura militar, sem liberdade de expressão, com forte repressão policial, presos políticos, torturas e mortes. Sugerimos que você visite o Memorial da Resistência em São Paulo. Se preferir, poderá realizar uma visita virtual. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistencia.org.br/>>. Acesso em: 8 jan. 2013. E acompanhe nos jornais os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, que analisa os documentos e fatos desse período. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

A década de 1970 foi uma das mais diversificadas quando se pensa em estilos de vestuário. A moda unissex – modelos iguais para homens e mulheres – ganhou força no guarda-roupa dos jovens, que vinham se influenciando, cada vez mais, pelo estilo das bandas de música e imitando a maneira de se portar e de se vestir dos artistas preferidos.

As características mais marcantes do período foram a consagração da moda unissex e o *prêt-à-porter*, adaptável ao dia a dia. O estilo prático de vida trouxe força para as roupas mais esportivas. O *jeans* e a camiseta se popularizaram e, com eles, túnicas e pantalonas. As roupas podiam ter estampas variadas ou mesmo um *mix* de estampas. As saias ganharam todo tipo de **comprimento**: micro, míni, mídi ou máxi.



Estilo anos 1970



Modelos usam vestido com estampa de pele de leopardo (à esquerda) e pantalonas pretas e camisa (à direita).



Desfile da grife Oscar de la Renta. Coleção primavera-verão de 2011.

Nesse período, destacou-se no País uma das principais estilistas da história da moda brasileira: Zuleika Angel Jones (1921-1976), ou Zuzu Angel. Nos anos 1970, seu filho Stuart foi preso e torturado por agentes da ditadura militar. Ela então iniciou uma incansável busca por presídios e quartéis militares. Seu filho, porém, morreu em consequência da tortura. Na tentativa de resgatar o corpo desaparecido, ela conduziu uma investigação por conta própria, além de apelar para a imprensa, políticos e o então secretário de Estado dos Estados Unidos da América, Henry Kissinger (Stuart também tinha cidadania naquele país). Entre essas ações, fez toda uma coleção de moda tendo como tema a repressão imposta pelos governos militares no período. Seus desfiles de protesto atraíram a atenção das imprensas brasileira e estadunidense, mas ela jamais conseguiu provar que seu filho havia sido morto sob tortura. Ela mesma faleceu em um suspeito desastre de automóvel.

A preocupação de Zuzu Angel em fazer um trabalho que fosse o retrato do Brasil, contudo, não teve início com o desaparecimento de seu filho. Ela já estava presente desde quando começara a costurar, primeiro em Minas Gerais e na Bahia e, mais tarde, no Rio de Janeiro, onde consolidou a carreira.



Zuzu Angel em seu ateliê, no Rio de Janeiro, c. 1960.

Nos anos 1960, havia criado modelos com rendas ce-arenses, cores tropicais e estampas que mostravam características do Brasil (com pássaros e flores), bem como chita e fitas, em vestidos inspirados nas personagens do cangaço e nas saias largas e coloridas das pessoas que viviam nas áreas rurais do País. Sua obra foi imortalizada pela filha, a jornalista Hildegard Angel, com a criação do Instituto Zuzu Angel (IZA), no Rio de Janeiro. Mais do que guardar a memória da obra de Zuzu, o IZA tem como objetivo divulgar e valorizar a moda brasileira.



Para saber mais sobre o **IZA**, consulte o *site* do instituto. Disponível em: <<http://www.zuzuangel.com.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.



Zuzu Angel (direção de Sérgio Rezende, 2006) comenta o trabalho da estilista e também sua luta para denunciar a tortura e a morte do filho preso pela ditadura militar.



Vestido vermelho estampado com andorinhas pretas e bolero com mangas. Zuzu Angel. *As andorinhas revoam*, 1971-1975. Instituto Zuzu Angel, Rio de Janeiro (RJ).

Anos 1980

A década de 1980 foi rica em descobertas e fatos marcantes que influenciaram a moda.

Nos Estados Unidos da América, homens e mulheres de classe média competiam de modo acirrado para ocupar cargos importantes nas empresas. Eles compunham um grupo de pessoas denominadas *yuppies* – termo que se originou da sigla inglesa YUP (*young urban professional*, ou “jovem profissional urbano”).

A moda para esse grupo era composta por ternos caros de marcas sofisticadas, de ombros estruturados com enchimentos artificiais, em geral de espuma, chamados ombreiras. Gravatas e camisas sociais acompanhavam o traje.

Na Europa, estilistas orientais, como Yssey Miyake (1938-), Yohji Yamamoto (1943-) e Rei Kawakubo (1942-), influenciaram a moda com outra proposta de estilo: roupas desestruturadas, simplificadas e inspiradas em formas geométricas.

Esportes urbanos como basquete, futebol, surfe e *skate*, bem como vestimentas usadas por músicos de bandas de *rock*, também influenciaram a moda desse período.

Estilo anos 1980



Desfile da grife Oscar de la Renta. Coleção outono-inverno de 1988.



Desfile de Elio Berhanyer. Coleção outono-inverno de 2010.

Atividade 3

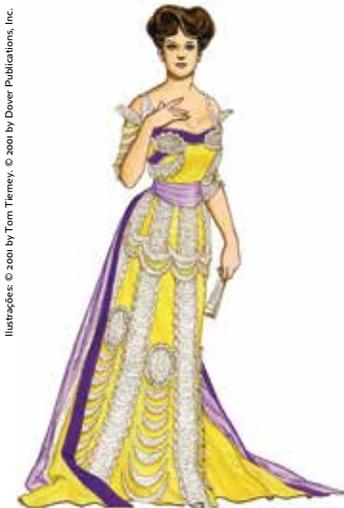
A MODA NO BRASIL E NO MUNDO



1. Em trio, organizem o trabalho de modo que cada trio escolha um período diferente para ampliar os conhecimentos da turma.
2. Escolhido o período, observem o seguinte roteiro para a pesquisa:
 - escrevam um pequeno texto sobre os fatos históricos que aconteciam no Brasil e no mundo no período escolhido;
 - apontem qual era a tendência da moda e dos estilos;
 - desenhem alguns modelos com o estilo predominante e organizem uma exposição para a turma.

Galeria de estilos

Início do século XX (20)



1901 – Beer



1908 – Paquin

Anos 1920



1922 – Patou



1923 – Madeleine Vionnet



1928 – Gabrielle Coco Chanel

Ilustrações: © 2009 by Tom Tierney, © 2009 by Dover Publications, Inc.

De 1931 a 1940

Illustrações: © 2000 by Tom Tierney, © 2000 by Dover Publications, Inc.



1931 – Paquin



1934 – Madeleine Vionnet



1937 – Elsa Schiaparelli



1940 – Elsa Schiaparelli

De 1941 a 1950



Illustrações: © 2001 by Tom Tierney, © 2001 by Dover Publications, Inc.

1947 – Christian Dior

De 1951 a 1960



1952 – Jacques Fath



1953 – Hardy Amies



1958 – Gabrielle Coco Chanel

De 1961 a 1970

Ilustrações: © 2001 by Tom Tierney. © 2001 by Dover Publications, Inc.



1965 – Yves Saint Laurent

De 1971 a 1980



1975 – Laura Ashley



1977 – Kenzo

De 1981 a 1990



Ilustrações: © 2001 by Tom Tierney. © 2001 by Dover Publications, Inc.

1985 – Gianfranco Ferré

De 1991 a 2000



1995 – Thierry Mugler



1997 – Giorgio Armani



1999 – Ralph Lauren

Atividade 4

CRIANDO SEU CADERNO DE ESTILOS

1. Para ampliar seu conhecimento na área, pesquise, em diferentes revistas de moda ou na internet, roupas que possuam alguma referência na história da moda, ou seja, que tomem emprestadas características de algum estilo e (re)elaborem uma nova concepção para a moda. Recorte ou imprima as imagens. Com elas, crie seu acervo pessoal.
2. Prepare com os colegas uma exposição dos cadernos criados, comentando como foi o processo.

Galeria de criadores no Brasil

Vimos alguns nomes brasileiros que se destacaram na produção do vestuário, como Dener Pamplona de Abreu e Zuzu Angel. Outros estilistas, costureiros e modelistas se destacaram e vêm se sobressaindo no Brasil e no exterior, entre eles:

- Alexandre Herchcovitch (1971-)
- André Lima (1971-)
- Carlos Miele (1964-)
- Clô Orozco (1950-)
- Fause Hatén (1972-)
- Jum Nakao (1966-)
- Lino Villaventura (1951-)
- Reinaldo Lourenço (1960-)
- Ronaldo Fraga (1967-)

Atividade 5

DESTAQUES BRASILEIROS



1. Forme um trio. Cada trio pesquisará um nome de estilista, costureiro ou modelista brasileiro, observando o roteiro a seguir, que poderá ser complementado pelo monitor:
 - a) Qual foi a trajetória profissional de _____.

b) Analisem as produções desse profissional e discutam:

- Os modelos que ele produz e produziu sofreram influência de algum período histórico? Qual?
- Os modelos sofreram influência de outros estilistas e costureiros? Se sim, de quais?

2. Cada trio deverá organizar uma exposição. Ela poderá ser elaborada em forma de cartazes ou apresentada no computador, no laboratório de informática. Ou ainda, quem sabe, organizar um desfile com a confecção de algumas peças em papel ou material descartável.

Com o que você viu até este momento do curso, já deu para perceber como a moda é cíclica, ou seja, as tendências voltam com o passar do tempo.

A ideia agora é reforçar ainda mais os conhecimentos sobre estilos.

Atividade 6 REFLEXÃO SOBRE ESTILOS

1. Reflita sobre as opções que você faz para compor o próprio estilo, respondendo às perguntas a seguir.

	Sim	Não
Você sempre penteia e corta o cabelo da mesma maneira?		
Você sempre faz o mesmo caminho para ir aos lugares que conhece?		
Você sempre usa o mesmo perfume?		
Suas roupas têm uma cor predominante?		
Suas roupas possuem o mesmo formato (por exemplo, a maior parte é folgada ou justa)?		

Essas perguntas servem como um primeiro contato com seu estilo.

2. Para aprofundar seus conhecimentos sobre estilos, responda ao questionário a seguir, desenvolvido pelo *Jornal Hoje*.

Teste de estilo pessoal predominante

Assinale uma resposta para cada pergunta.

1. O seu estilo pessoal predominante se revela nas escolhas de combinações de cores. Pensando no seu dia a dia, quais são as suas combinações de cores favoritas?

a) Combinações simples; não gosto de perder tempo pensando em combinações.	
b) Combinações bem certinhas; gosto de combinar tudo ao máximo.	
c) Combinações de tons diferentes de uma mesma cor; gosto de escolher uma cor e variar as diferentes tonalidades dela em roupas e sapatos.	
d) Combinações delicadas em cores suaves, pois não gosto de grandes contrastes.	
e) Combino só o que valoriza o meu corpo, pois gosto de ver meu corpo bonito.	
f) Não tenho preferência de combinações, cada dia combino de um jeito, conforme o meu estado de espírito.	
g) Faço as combinações da moda, gosto de seguir as tendências.	
h) Faço combinações que chamem a atenção, pois gosto de grandes contrastes.	

2. O seu estilo pessoal predominante também se revela na hora da compra! Como você gosta de fazer as suas compras?

a) Compro quando preciso, não gosto de perder tempo, gosto de facilidades.	
b) Faço compras planejadas, gosto de qualidade e espero até encontrar o perfeito.	
c) Compro pensando em atualizar o que já tenho, gosto de qualidade e atualidade.	
d) Adoro ir às compras, compro por prazer e adoro tudo que tenha muitos detalhes.	
e) Adoro comprar peças que valorizam o meu corpo independentemente da moda.	
f) Adoro lugares alternativos, brechós, feiras de artesanato, pois adoro o incomum.	
g) Compro o que está nas vitrines, nas novelas, nas revistas, adoro lançamentos.	
h) Compro só o que me chama a atenção, independentemente da moda, gosto do efeito.	

3. O seu estilo pessoal predominante se revela nas características do tecido das suas roupas. Você escolhe certos tecidos principalmente porque eles...

a) são fáceis de cuidar.	
b) são de excelente qualidade.	
c) são sofisticados.	
d) são delicados.	
e) são perfeitos no corpo.	
f) são interessantes.	
g) são atuais.	
h) causam um efeito poderoso.	

4. O seu estilo pessoal predominante se revela na roupa que você mais gosta de usar no dia a dia. Como é a sua roupa preferida?

a) Prática.	
b) Atemporal.	
c) Clássica renovada.	
d) Repleta de detalhes delicados.	
e) Se ajusta perfeitamente ao meu corpo.	
f) Diferente.	
g) O último lançamento da estação.	
h) Impactante.	

5. O seu estilo pessoal predominante também se revela nos seus acessórios (bolsas, pastas, carteiras, cintos, colares, brincos, pulseiras, anéis, óculos de sol, óculos de grau, gravata, lenços, echarpes). Então, se você tivesse que mencionar uma característica para os seus acessórios, você diria que eles são em sua maioria...

a) simples.	
b) clássicos.	
c) notáveis.	

d) delicados.	
e) insinuanes.	
f) diferentes.	
g) atuais.	
h) impactantes.	

6. O seu estilo pessoal predominante se revela também nos calçados que você mais gosta de vestir. Como são seus sapatos preferidos?

a) São essencialmente confortáveis.	
b) São essencialmente duráveis.	
c) São essencialmente sofisticados.	
d) São essencialmente mimosos.	
e) São essencialmente perfeitos para o meu corpo lindo.	
f) São essencialmente diferentes.	
g) São essencialmente lançamentos.	
h) São essencialmente divertidos.	

7. O seu estilo pessoal predominante também se revela na forma como você cuida do nosso planeta. Então pergunto: como você cuida do nosso planeta através das atitudes com o seu guarda-roupa?

a) Costumo ter pouca roupa e uso muito tudo o que tenho, ajudo o planeta assim.	
b) Dou atenção à qualidade e à durabilidade das peças, ajudo o planeta assim.	
c) Gosto de atualizar, então, quando compro algo novo, faço doações de boas peças.	
d) Gosto de detalhes, assim, reciclo usando as mesmas peças de forma diferente.	
e) Procuo manter o meu corpo equilibrado para vestir bem tudo o que tenho.	
f) Compro em feirinhas, brechós, invento formas de disfarçar o velho ou o manchado costurando minhas roupas ou fazendo pequenas reformas, atualizando tudo.	

g) Preciso estar com a última tendência, então faço muitas doações ao longo do ano porque compro sempre muito.	
h) Cuido de tudo o que tenho porque é raro encontrar as peças exóticas que possuo.	

Respostas:

Verifique qual a letra que você mais marcou – ela corresponde ao seu estilo pessoal predominante (válido para homens e mulheres):

- Letra A – Estilo esportivo
- Letra B – Estilo tradicional
- Letra C – Estilo elegante contemporâneo
- Letra D – Estilo feminino romântico
- Letra E – Estilo sexy
- Letra F – Estilo criativo
- Letra G – Estilo moderno
- Letra H – Estilo dramático

Conheça um pouco sobre o seu estilo predominante:

Estilo esportivo. A mensagem básica do estilo: casual. A palavra-chave: conforto. Peça essencial: uma boa camiseta, mas também pode ser um bom *jeans*. Tecidos: algodão, linho, *nylon*, veludo, fibras naturais, tecidos sem brilho. Cores: cores primárias e combinações simples. Sapatos: sempre confortáveis, de saltos baixos, saltos grossos, solado de borracha, linha *comfort*. Bolsas e pastas: mochilas, alças cruzadas no corpo, sacos, bolsas grandes [em] que cabe tudo, a ideia é sempre de praticidade. Acessórios: são simples, nada ostensivos.

Estilo tradicional. A mensagem do estilo tradicional é: conservadorismo. A palavra-chave é: atemporalidade. Peça essencial: *blazer* clássico. Tecidos: sedas, caxemira, crepes, gabardines. Cores: combinações sóbrias – marinho, cinza, bege e preto. Sapatos: tradicional, de couro, de excelente qualidade. Bolsas e pastas: estruturadas, de mão. Acessórios: sempre de excelente qualidade; a ideia é tudo para durar muito tempo.

Estilo elegante. A mensagem é: refinamento. Palavra-chave: sofisticação. Peça essencial: camisa branca. Tecidos: algodão natural, cetim, xantungue de seda, seda pura, microfibra, crepe. Cores: combinações de baixo contraste – cinza, bege, branco, marinho, vermelho-escuro, preto com branco. Sapatos: tradicionais com um toque de atualidade, bicolor. Bolsas e pastas: estruturada, funcional, de qualidade, tamanho médio. Acessórios: sempre com um toque notável.

Estilo sexy. A mensagem é: valorizar o corpo. Palavra-chave: insinuar. Peça essencial: jaqueta de couro e salto alto. Tecidos: tudo que valorize o corpo e que o deixe em evidência – *lycra*, brilho, materiais de couro e vernizes. Cores: preto, branco, *pink*, turquesa, dourado, prateado, bronze, verde, vermelho-forte, marrom. Sapatos: tudo que deixe o corpo bonito, saltos altíssimos e pontas. Bolsas e pastas: tudo que se molde bem ao corpo, molengas, nada estruturadas. Acessórios: sempre com um toque de exagero e que valorize o corpo.

Estilo feminino romântico. A mensagem é: amabilidade. Palavra-chave: delicadeza. Peça essencial: colar de pérola. Tecidos: algodão, sedas, crepe-georgete, microfibra. Cores: combinações de baixo contraste, monocromáticas, tons de rosa, bege, azul-clarinho, verde-clarinho. Sapatos: tudo com muitos detalhes e variados modelos. Bolsas: de tecidos, bordadas, de alças longas e de tamanho pequeno. Acessórios: tudo muito tipicamente feminino – laços e flores.

Estilo dramático. A mensagem: chamar a atenção sem o apelo sexual. Palavra-chave: teatralidade. Peça essencial: qualquer coisa que cause um efeito. Tecidos: não há nenhuma preferência, usa tudo. Cores: grandes contrastes para chamar a atenção. Sapatos: criativos e ousados. Bolsas e pastas: enormes – com ou sem detalhes, molengas ou estruturadas. Acessórios: tudo impactante, diferente, que tenha algo de inusitado.

Estilo criativo. A mensagem: usa o que sente vontade conforme o humor do dia. Palavra-chave: originalidade. Peça essencial: depende do dia, ora! Tecidos: varia conforme o desejo e que ofereça a mistura inusitada. Cores: não se prende a nenhuma cor, gosta da liberdade, mistura tudo! Sapatos: temáticos, étnicos. Bolsas e pastas: vale tudo! Acessórios: têm sempre um toque exótico, podem ser étnicos e *vintages*.

Estilo moderno. A mensagem: fashionista, mudança constante. Palavra-chave: atualidade. Peça essencial: tudo o que está na vitrine e nas revistas de moda. Tecidos: a tendência do momento. Cores: tudo o que a moda pedir no momento. Sapatos, bolsas, pastas e acessórios: absolutamente tudo o que a moda e a tendência pedirem para o momento!

Descubra seu estilo pessoal. *Jornal Hoje*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/05/descubra-seu-estilo-pessoal.html>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

3. Vamos fazer agora uma reflexão sobre a moda contemporânea. Procure observar as pessoas na rua, olhar vitrines e pesquisar em revistas ou em *sites* de moda para elaborar um cenário das tendências da moda atual no Brasil. Após essa observação, responda individualmente às perguntas a seguir.

a) Há uma tendência em termos de características e tipos de tecido?

b) Há uma tendência em termos de cores e padrões?

c) Há estilos predominantes?

d) Há o uso predominante de determinadas peças de vestuário?

e) O que mais você pode acrescentar a esse assunto?

4. Agora apresente suas conclusões aos colegas. Procurem chegar a um painel que retrate da forma mais fiel possível a moda contemporânea brasileira.

MERCADO DE TRABALHO



Você sabia?

Segundo a **Lei do Microempreendedor Individual (MEI)**, criada pelo governo federal, os trabalhadores por conta própria podem recolher contribuição ao INSS e ter direito à aposentadoria e à previdência social. Saiba mais sobre essa condição acessando o Portal do Empreendedor.

Disponível em: <<http://www.portaldomicroempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

O mercado de trabalho para os profissionais da moda abrange várias áreas: indústrias de confecção; comércio, que, além da venda de roupas, oferece serviços de reparos, modelagem ou, ainda, modificação de roupas com novos adereços, bordados etc.; o trabalho por conta própria; ou a opção por ser um microempreendedor individual e se beneficiar da **Lei do Microempreendedor Individual (MEI)**.

Antes de discutirmos especificamente sobre a ocupação que você está aprendendo, é preciso entender o que é mercado de trabalho.

Quando pensamos em um mercado, seja ele de frutas, de flores etc., o que imaginamos? Alguém comercializando um produto e outra pessoa comprando-o.

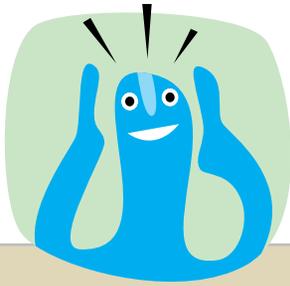
No mercado de trabalho, a relação é semelhante: você oferece suas qualificações profissionais ao empregador, que compra sua força de trabalho.

O mercado da moda

O mercado da moda trabalha com um calendário preciso e ajustado às estações do ano.

Isso quer dizer que toda a cadeia produtiva da indústria da moda, ou seja, tudo o que se usa nessa indústria é fabricado de acordo com as estações do ano:

- primavera;
- verão;
- outono;
- inverno.

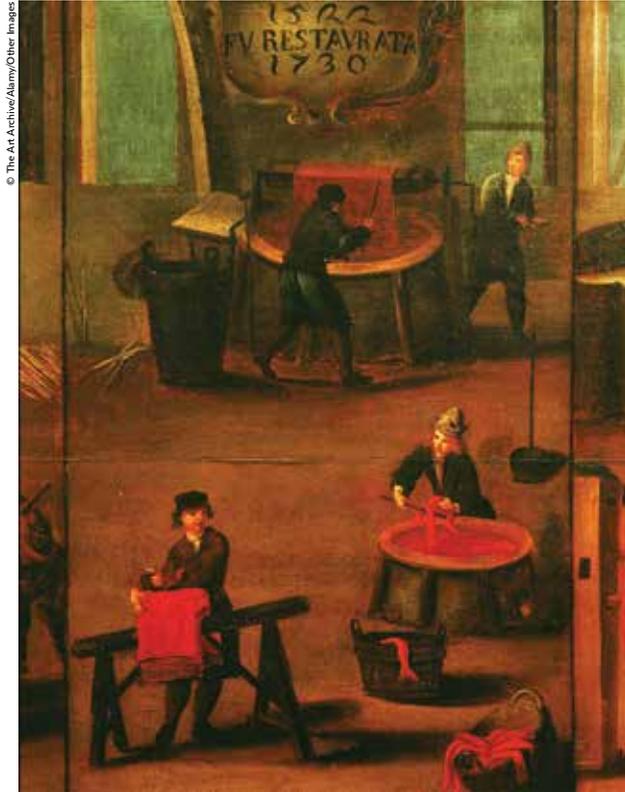


Você sabia?

O nome de nosso País é derivado de pau-brasil, árvore cujo pigmento vermelho é utilizado no processo de tingimento de tecidos. O termo Brasil, portanto, está diretamente ligado ao assunto moda.

A cadeia produtiva da moda envolve:

- obtenção, pela indústria química, de pigmentos para fazer as tintas que tingirão fios, fibras, tecidos, plásticos, couros, botões e outros componentes da indústria da moda;



Insignia da corporação dos tintureiros, 1730 (detalhe). Óleo sobre tela, 79 cm x 102 cm. Museu Correr, Veneza, Itália.



Seção de estamparia e tinturaria em uma fábrica têxtil.

- produção, por essa indústria, de fios e fibras, para a posterior fabricação de tecidos;

- fabricação de tecidos, com cores, texturas e caimentos apropriados para cada estação do ano e de acordo com as necessidades da sociedade em determinado momento;



Fabricação de tecido.

- fabricação de aviamentos (elásticos, botões, linhas, rendas, bordados, pedrarias, fitas, fivelas etc.), também com cores, texturas e caimentos apropriados para cada estação do ano e de acordo com as necessidades da sociedade em determinado momento;



Máquina de tecelagem e urdideira.

- processo de criação das roupas;



Croquis com amostras de tecido, por Karl Lagerfeld.

- processo de divulgação e comercialização das roupas.



© Paulo Savelle
Showroom de uma confecção.

Todas as etapas, as indústrias e todos os profissionais envolvidos na cadeia produtiva de moda estão em constante atualização, promovida pela pesquisa e pela busca incessante por produtos inovadores, que ofereçam um diferencial no mercado.

Como entender a indústria de vestuário no Brasil

O Brasil é um país com amplo e diversificado território e conta com forte cadeia têxtil. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o faturamento da cadeia têxtil e de confecção saltou de 60,5 bilhões de dólares em 2010 para 67 bilhões de dólares, em 2012. As exportações cresceram e as importações diminuíram.

Com esses números, o investimento na área também foi ampliado, gerando mais postos de trabalho. Pode-se afirmar que esse é um setor da economia predominantemente feminino, pois mais de sete em cada dez trabalhadores desse ramo são mulheres (75%), do total de 1,7 milhão de empregos diretos em cerca de 30 mil empresas, além dos 8 milhões de empregos indiretos, ou seja, que trabalham para o setor. É importante perceber que esses números não contabilizam os que trabalham por conta própria ou são microempreendedores individuais.

Podemos entender como cadeia têxtil todos os profissionais e as indústrias que, de alguma maneira, estão envolvidos na fabricação, no beneficiamento e na venda de fios, linhas, tecidos e roupas. O Brasil ocupa o 21º lugar no mundo entre os exportadores de produtos têxteis, e os principais produtos são fios, tecidos e roupas

confeccionados de algodão, como camisetas e tecidos felpudos. O País é ainda o quinto maior produtor têxtil do mundo, e o quarto maior parque produtivo de confecção, sendo o terceiro maior produtor de malhas e o segundo na produção de *jeans* – nessa área, o Brasil desponta em pesquisas avançadas de novos tipos e composições.

No segmento da indústria de confecção, existe uma grande quantidade de empresas concentradas no Estado de São Paulo, seguido por Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro encontram-se as indústrias de malharia e fábricas de *lingerie* (fala-se “langerri”). A cidade de São Paulo conquistou, em 2012, a sétima posição na lista mundial de capitais da moda elaborada pela Global Language Monitor (GLM). Na região Nordeste, estão instaladas as indústrias produtoras de *jeans* e de malhas; e, na região Sul, encontra-se um dos maiores polos de artigos de cama, mesa, banho e malharia do continente sul-americano.

Hoje, a indústria de moda e de confecção no Brasil é:

- idealizada para ser um grande negócio, reconhecido internacionalmente e gerador de emprego e de renda;
- considerada pelo Ministério da Cultura como expressão da diversidade cultural;
- detentora de grande potencial econômico.

O crescimento da indústria de moda e do vestuário pode ser observado, por exemplo, pelo **São Paulo Fashion Week**, na cidade de São Paulo.

Referências: Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit). Disponível em: <http://www.abit.org.br/site/navegacao.asp?id_menu=1&id_sub=4&idioma=PT>.

Global Language Monitor. Disponível em: <<http://www.languagemonitor.com/category/fashion/fashion-capitals/>>.

Acessos em: 8 jan. 2013.

São Paulo Fashion Week

é uma semana destinada à divulgação de tendências de moda, comportamento, cabelo, maquiagem, cores e formas, e dos trabalhos dos estilistas que serão comercializados e divulgados na estação seguinte.

Esse é o maior evento de moda no Brasil e movimentada, a cada temporada (que ocorre duas vezes ao ano), um número cada vez maior de investimentos, gerando, a cada edição, mais de 5 mil empregos diretos e indiretos.

Quem consome moda no Brasil

Quem mais consome produtos de moda são as mulheres, correspondendo a 41% de toda a produção; os homens consomem cerca de 35%. A moda infantil fica com 18%, e a de bebês, com cerca de 5% de consumo de produtos de moda.

Como percebemos pelos dados, a diferença entre os universos masculino e feminino não é tão grande como já foi. Os homens atualmente estão muito mais atentos e acompanham a moda bem mais do que antes. A concepção de que moda é algo destinado às mulheres foi construída a partir do final do século XVIII (18) e início do século XIX (19), com a Revolução Industrial.

Processo de construção das roupas

Para entendermos melhor o processo de construção das roupas, é importante saber que, em moda, o processo criativo para desenvolver uma única peça ou uma coleção inteira é muito semelhante. Geralmente, os profissionais da área – estilistas, desenhistas, figurinistas, criadores de moda, estilo e roupas – atendem ao seguinte processo de construção:



A definição do tema da coleção é sempre baseada na análise de dados de coleções anteriores e a equipe procura respostas para as seguintes questões: Como foi o comportamento das vendas? Houve alteração nas características da clientela? O que vendeu mais na coleção de verão do ano anterior? O que vendeu menos?

1. **Coleta de informação:** busca de informações em revistas especializadas, livros, *sites* etc.
2. **Escolha e definição do tema da coleção:** baseia-se na literatura consultada. Desenvolver uma coleção pressupõe a criação de vários produtos para determinada estação do ano. Por exemplo: coleção primavera-verão – definição de vestidos, saias, camisetas, camisas, blusas e acessórios; definição das cores, dos padrões de tecidos, das estampas etc.
3. **Pesquisa:** pode acontecer de duas formas:
 - pesquisa bibliográfica (livros, revistas, jornais, internet, CD-ROM, catálogos etc.);
 - pesquisa de campo (ruas, desfiles, *shopping centers*, viagens, lojas etc.).

4. **Reunião dos dados pesquisados:** o estilista, ou sua equipe, faz pesquisas a cada coleção, para enriquecer seu repertório visual e reunir informações importantes. Depois que essas informações “interagem” com as demais já registradas na memória, elas se transformarão em fonte de inspiração, levando-o a criar formas, aplicação de cores, tecidos, aviamentos e detalhes inovadores. Nesse ponto, o estilista, em seu processo criativo, vai incorporar todas as informações que selecionou, de acordo com seu interesse, e transformá-las em novas concepções.
5. **Painel de apresentação:** nessa fase, o estilista, ou sua equipe, organiza visualmente as informações, para poder aplicá-las na criação das roupas. Para isso, o painel deve conter:
 - quadro de inspiração: imagens que serão referência para a criação e o desenvolvimento dos modelos, que podem incluir outros tipos de fontes de inspiração, como lugares, sensações, sentimentos etc.;
 - quadro de tendência de moda: imagens das tendências primavera-verão ou outono-inverno;
 - modelos, desenhos e cores que farão parte da coleção;
 - tecidos e aviamentos que serão usados para a confecção dos modelos.
6. **Parâmetros do traje ou da coleção:** o estilista deve escolher, de acordo com seus interesses ou com os da grife e/ou da confecção, qual o objetivo das roupas:
 - fim artístico: a criação dá vida à roupa como objeto de arte (senso de evento);
 - fim comercial: a criação tem a função principal de vestir (senso funcional).
7. **Objetivo do traje ou da coleção:** desenvolver uma identidade própria. Uma vez escolhidos os parâmetros da roupa ou da coleção, o estilista começa a relacionar as informações obtidas com a pesquisa de moda ao fim da coleção (se artístico ou comercial). Nessa fase, ele descarta ou adapta as informações que não se enquadrarem no objetivo da roupa ou da coleção.
8. **Criação do modelo:** o estilista começa a desenhar as roupas, escolhendo decotes, formas, detalhes, tipos de bolso. Determina comprimentos, cores, tecidos, aviamentos, estampas, quantidade de modelos, tamanhos etc. É nessa fase que se criam, juntamente com os modelos, a ficha técnica do produto, a ficha de custos e a folha de operações, que acompanham o protótipo das peças até a aprovação desse produto na coleção.

Modelagem em 3D

Atualmente existem programas de computador que permitem a modelagem em três dimensões, ou 3D, que podem gerar modelos nos quais se desenha sobre um manequim virtual, permitindo movê-lo em qualquer direção, girá-lo, incliná-lo e modificá-lo livremente. Há também sensores que permitem esquadrihar todo o corpo do cliente, de modo a preparar um modelo que visa à perfeição, eliminando, portanto, desconfortos de medidas não adequadas por completo e a necessidade de ajustes posteriores, em função de peso, altura e formato do corpo.

Fonte: KLEINA, Nilton. Com modelagem em 3D, empresa cria calças jeans que cabem perfeitamente no corpo. *Tecmundo*, 4 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/moda/15031-com-modelagem-em-3d-empresa-cria-calcas-jeans-que-cabem-perfeitamente-no-corpo.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2013.



Prova da **peça-piloto**: nessa fase, a equipe de criação estuda o produto, relacionando-o com o desenho do estilista. Com ele, observa o caimento do tecido, o conforto da peça, a aplicação dos detalhes, antes da confecção em larga escala. Comumente, são contratados modelos profissionais (ou utilizados manequins não vivos como modelo-padrão), cujas medidas estão de acordo com a tabela de medidas utilizada pela indústria conforme seu público-alvo (a maioria das indústrias utiliza a tabela de medidas industriais e raramente as medidas do corpo como tabela de medidas).

9. **Modelagem**: geralmente, na indústria de moda e confecção, o estilista passa as informações necessárias para o desenhista de moda, que, por meio do desenho técnico e do preenchimento de fichas técnicas, informa ao modelista detalhes sobre a roupa, para que esse profissional faça os moldes e a diferenciação (gradação) de tamanhos (P, M, G, GG, EXG; 1, 2, 3, 4 e 5 para camisas; 38, 40, 42 etc. para calças e outros tipos de roupa).
10. **Protótipo ou peça-piloto**: antes de ser executada em larga escala, ou seja, de ser produzida uma quantidade muito grande de peças, o profissional denominado costureiro-piloteiro executa uma **peça-piloto**. Essa peça será provada, testada e, se necessário, modificada antes do corte para produção em escala. Tal procedimento é importante para evitar erros, desperdício de matéria-prima, de mão de obra e de peças encaalhadas com defeitos.
11. **Corte**: após a aprovação da peça-piloto, o cortador recebe os moldes, executa o encaixe e o risco, corta o tecido e encaminha as peças cortadas para a costura.
12. **Costura**: os profissionais de costura unem todas as peças que foram cortadas separadamente. Na indústria de confecção, há um profissional especializado em cada parte do traje. Em geral, o especialista não conhece os outros procedimentos de costura da mesma roupa.
13. **Reunião da coleção**: nessa etapa, a equipe de desenvolvimento de produto reúne todas as peças e analisa o traje individualmente e em relação a toda a coleção. É uma reunião importantíssima, em que todas as peças são provadas por modelos profissionais. Estes ficam horas à disposição dos olhos atentos de estilistas e modelistas. É, praticamente, o último momento para corrigir possíveis falhas, antes da produção em larga escala.
14. **Coleção pronta**: a equipe de desenvolvimento de produto ou de criação separa um ou dois exemplares de cada modelo da coleção para documentação ou arquivo.

15. **Documentação:** é comum serem contratados profissionais da área de comunicação visual, *designers*, fotógrafos e artistas plásticos para registrar a coleção, confeccionando-se um *book* (caderno técnico).
16. **Apresentação:** representantes da grife ou da coleção reúnem-se com os profissionais da área de propaganda e marketing para escolher formas de divulgação do produto (mais especificamente, da coleção). Pode ser por meio de exposições, filmes, desfiles, catálogos, propagandas em revistas, em novelas, vitrines etc.

Trabalhos manuais

Você já parou para pensar em quantas pessoas de sua família sabem costurar, mesmo que seja apenas pregar um botão ou fazer a barra de um vestido? Quantas vezes você já viu a cena de alguém costurando?



Edward Charles Barnes. *A aula de costura*, século XIX (19). Óleo sobre tela. Coleção particular.



Jovem costurando em máquina.

Imaginar um mundo em que as pessoas nunca tenham posto as mãos em uma agulha é até difícil, não é? Isso acontece porque a costura é uma das ocupações mais antigas do mundo. Só no Brasil, a indústria tem 200 anos. Mas fazer com que a roupa esteja pronta não é simples como, muitas vezes, apresentado em filmes infantis, nos quais ratinhos e fadas preparam os modelos ao som de valsas. O trabalho requer concentração e esforço para viabilizar o produto final.



A Costureira, 1899. Litografia colorida. Biblioteca de Artes Decorativas, Paris, França.

Atividade 1

MOMENTO DE REFLEXÃO I

1. Indique as experiências que já teve na área da moda, mesmo que elas tenham sido por passatempo ou para preparar alguma roupa para um familiar, um amigo etc. no quadro a seguir.

Minhas experiências na área da moda	
Experiência	Por exemplo: Fiz o molde de uma saia. Reformei um vestido. Bordei uma túnica.
O que precisei fazer?	

Minhas experiências na área da moda	
O que foi mais fácil fazer?	
O que foi mais difícil fazer?	

Ao preencher esse quadro, você deve ter percebido que já fez muita coisa nessa área e, talvez, não tenha se dado conta das facilidades ou dificuldades que teve.

Atividade 2

MOMENTO DE REFLEXÃO 2

Antes de começar a aprender os conhecimentos específicos de sua nova ocupação, por que não ler um **conto**? Trata-se de um texto do escritor brasileiro Machado de Assis, chamado “Um apólogo”.



Um apólogo

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
- Deixe-me, senhora.

Conto: Tipo de narrativa de ficção em que aparecem um narrador e alguns poucos personagens que vivenciam os acontecimentos narrados. É uma invenção do autor, escrito com a função de entreter o leitor de forma breve e clara, por meio de um único ou de poucos fatos fictícios. O conto se diferencia de outros gêneros narrativos, como uma reportagem ou notícia de jornal, por exemplo, cuja intenção é narrar fatos atuais de acordo com o que se quer transmitir.

Apólogo: Tipo de texto curto, como um conto, mas cujo objetivo é demonstrar, por meio da história, uma lição de vida, um ensinamento. Para isso, pode ou não usar personagens reais. Os personagens podem ser animais (como nas fábulas) ou objetos, sempre com dotes humanos.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

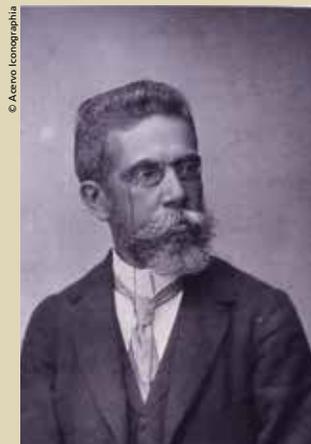
ASSIS, Machado de. "Um apólogo". Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16978>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu em uma família pobre. Era neto de escravos que conseguiram liberdade, e seu pai era operário. Perdeu a mãe, o pai e a única irmã na infância e, ainda menino, começou a trabalhar vendendo doces.

Com 16 anos, teve seu primeiro poema publicado em uma revista. Logo em seguida, passou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional e pôde se dedicar mais ao ofício de escrever. A partir dos 19 anos, já trabalhando em jornais no Rio de Janeiro, cresceu como escritor, carreira que seguiu depois durante toda a vida.

Considerado o criador da literatura realista brasileira, Machado de Assis escreveu romances e contos que ficaram conhecidos em vários países. Entre suas obras, podemos destacar: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Memorial de Aires* (1908).

Morreu no Rio de Janeiro em 1908.



1. Em sua opinião, esse apólogo escrito por Machado de Assis no século XIX (19) se relaciona à ocupação que você quer aprender? Por quê?

2. Refletindo sobre o texto, você conseguiu chegar a uma conclusão sobre quem é mais importante na costura, se a linha ou a agulha?

Difícil saber quem é mais importante, não é? Pois é assim que acontece na indústria da moda e da confecção. Cada elemento, cada componente, cada ferramenta e cada um dos processos na produção de vestuários é extremamente importante, e uma etapa depende muito da outra para a plena realização da construção das roupas.

O mesmo se dá com os profissionais que atuam na área: criadores de modelos, estilistas, costureiros, modelistas, cortadores, bordadeiras... Cada um deles tem a própria tarefa, mas atuam de maneira complementar. Apenas assim as peças de roupa conseguem sair, prontas, das grandes fábricas ou das pequenas oficinas artesanais para vestir os consumidores.

Atividade 3

O QUE FAZ UM COSTUREIRO



1. Em grupo, discutam as seguintes questões:

a) O que um costureiro deve saber?

b) O que um costureiro deve saber usar?

c) Quais as características que um costureiro deve ter?

2. Agora, individualmente, reflita sobre si mesmo: O que você sabe fazer bem? O que sabe fazer mais ou menos ou ainda não teve a oportunidade de aprender? Marque no quadro a seguir com um “X” na coluna correspondente.

	O que sei fazer	O que sei fazer mais ou menos	O que não sei fazer
Desenhar modelos de roupas			
Tomar medidas			
Fazer trabalhos de costura à mão			
Fazer costuras à máquina			
Diferenciar os tipos de costura			
Trabalhar em equipe			

3. Escreva com suas palavras o que espera aprender neste curso básico de qualificação profissional.



George Goodwin Kilburne. *O vestido de noiva*. Coleção particular.

A ocupação de costureiro, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) possui um documento chamado Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Nele, mais de 2 mil ocupações são descritas por meio de uma metodologia própria, em que uma equipe reúne profissionais da área, e estes relatam as atividades realizadas no trabalho, bem como os requisitos de formação e a experiência de cada ocupação no dia a dia.

Veja o que o Ministério indica sobre a ocupação de costureiro, que você está aprendendo.

O que fazem os costureiros?

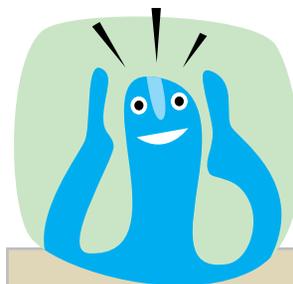
Organizam o local de trabalho, preparam máquinas e amostras de costura, operam máquinas de costura na montagem em série de peças do vestuário em conformidade a normas e procedimentos técnicos de qualidade, segurança, meio ambiente e saúde.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Atitudes e características pessoais

- Trabalhar em equipe.
- Ser organizado.
- Ter iniciativa.
- Trabalhar bem com as mãos.
- Ter boa coordenação motora e acuidade visual.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.



Você sabia?

A descrição de cada ocupação da CBO é feita pelos próprios trabalhadores. Dessa maneira, temos a garantia de que as informações foram dadas por pessoas que atuam no ramo e, portanto, entendem bem da ocupação. Você pode conhecer esse documento na íntegra acessando o site no laboratório de informática.

Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Conhecimentos profissionais

- Preparar máquinas de costura para dar início ao trabalho.
- Preparar amostras de costura.
- Operar máquinas de costura.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).
Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Disponível em:
<<http://www.mteco.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

O mercado de trabalho do costureiro

O mercado de trabalho para a área de costura é bastante vasto. Conhecer e saber como operar uma máquina reta é, por exemplo, requisito suficiente para um trabalhador ter emprego na indústria de confecção, que sofre com a falta de mão de obra especializada. Nos últimos anos, tem crescido a demanda tanto por costureiros como por auxiliares de costura.

Nas confecções, o costureiro, denominado na produção industrial de operador de máquinas de costura, recebe peças do vestuário já cortadas, que vêm da área de corte. Orientado por modelistas, esse profissional tem como principal atividade unir as peças com costura à máquina, de modo a compor o vestuário completo.

Em geral, o costureiro trabalha com um conjunto igual de peças durante um tempo, até fechar um lote. Pode passar um bom tempo costurando, por exemplo, apenas bolsos de calças *jeans*. Se trabalhar em uma confecção que produz peças de vestuário diversificadas, pode exercitar a costura de outros tipos de peças ou modelos.

Nas confecções, esses trabalhadores são comumente assalariados, o que significa ter acesso aos direitos de trabalho previstos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT): descanso semanal remunerado, férias, 13º salário, aposentadoria, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), entre outros.



Assista ao vídeo *Por conta própria*, do Programa EJA – Mundo do Trabalho, 7º ano, Trabalho. Disponível em: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/Conteudo.aspx?MaterialID=16&tipo=Videos>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Por meio da história de duas costureiras, o vídeo discute aspectos da forma de inserção no mercado de trabalho dos profissionais que trabalham por conta própria, entre eles a possibilidade de esse trabalho ser realizado na total informalidade, ou de maneira formal, e a instabilidade à qual esses trabalhadores estão sujeitos.

Há também situações em que os operadores de máquinas de costura são contratados por empresas terceirizadas. São também assalariados, mas fazem o trabalho em casa, utilizando maquinário próprio e arcando, portanto, com uma parte dos custos de produção (energia elétrica, linhas de costura, manutenção da máquina etc.).

Enfim, há costureiros que trabalham por conta própria, como autônomos, e atendem a clientela na própria casa ou ateliê de costura.

Atividade 4

ESTUDO DE MEIO



1. Vamos pensar nas diversas formas de inserção de um costureiro no mercado de trabalho. Em grupo, visitem e entrevistem um profissional que atue na área. A turma deve se organizar de modo a procurar diversificar os locais de visita e entrevista. Seguem algumas sugestões:
 - indústria de confecção de roupa feminina;
 - ateliê de costura ou alfaiataria;
 - costureiro que trabalha para empresa terceirizada;
 - costureiro autônomo;
 - costureiro que trabalha em cooperativa.
2. Antes da entrevista, pensem no que gostariam de perguntar a esse profissional e elaborem um roteiro de perguntas. Seguem algumas sugestões, que o grupo pode ampliar com outras questões.
 - Nome do entrevistado.
 - Idade, escolaridade, se ainda estuda ou pretende voltar a estudar.
 - Se costuma fazer cursos de aperfeiçoamento.

- Onde trabalha.
- Se tem um ou mais empregos.
- Por que escolheu essa ocupação.
- Como aprendeu a ocupação.
- Quais são os pontos positivos e negativos da ocupação na opinião dele.
- Quais os conselhos que ele daria a alguém que está iniciando nessa ocupação.

Se for profissional autônomo:

- Que tipo de costura realiza?
- Que máquinas utiliza?
- Qual seu lucro e suas despesas?

3. Agora, individualmente, cada participante do grupo deve elaborar um texto sobre a entrevista. Planeje sua produção escrita antes de escrevê-la, para que seja mais fácil realizá-la e também para que faça sentido a quem for ler. Para isso, procure definir em primeiro lugar:

- Qual é a ideia central do texto que vou fazer?
- Quais são os argumentos que vou utilizar para sustentar essa ideia?
- Quais foram as conclusões a que cheguei com base na entrevista?

4. Junte-se novamente a seu grupo e comparem os textos. Depois, preparem uma apresentação única para a turma.

SAÚDE E TRABALHO

Você estudou até aqui aspectos que o auxiliarão em sua formação e no exercício de sua futura ocupação.

Porém, no exercício profissional, tenha sempre em mente o cuidado com sua saúde.

Neste Caderno, você viu como se dá a produção do vestuário, percebendo que ela envolve vários setores. Conhecer o processo de produção, o maquinário e o ritmo de trabalho é importante para prevenir problemas de saúde.

Veja a seguir, um exemplo de **fluxograma** de como pode ser o processo de produção em uma indústria têxtil:

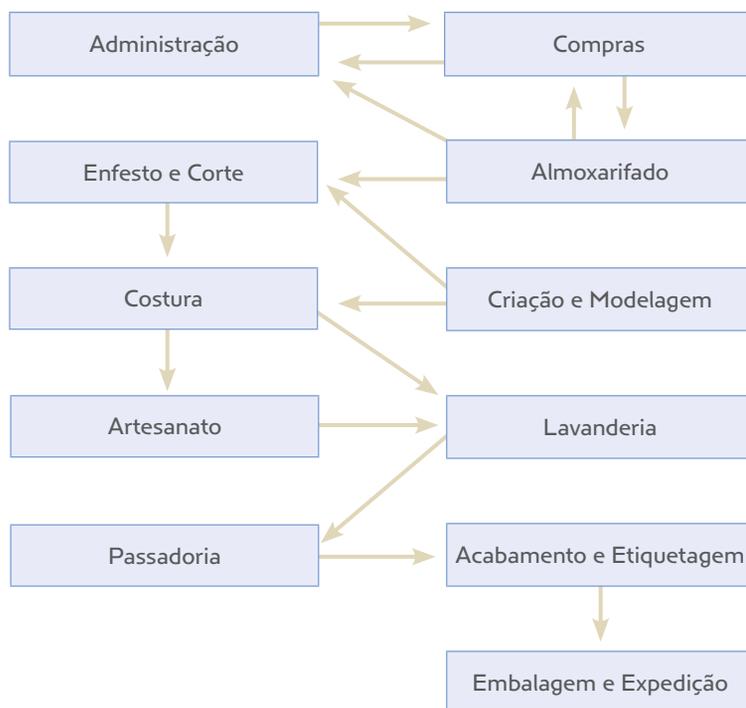


Fluxograma: Diagrama que representa o fluxo de uma série de operações.



Para saber mais sobre saúde e segurança no trabalho, consulte o Caderno do Trabalhador 6 – Conteúdos Gerais – “Saúde e Segurança no Trabalho”. Você poderá consultá-lo no site do Programa Via Rápida Emprego.

Disponível em: <<http://www.viarapida.sp.gov.br>>. Acesso em: 8 jan. 2013.



Fonte: GARCIA JÚNIOR, Antônio Carlos. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria do vestuário em Colatina/ES*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2006, p. 58. Disponível em: <<http://sstmpe.fundacentro.gov.br/Anexo/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Imagine os profissionais de uma indústria como a apresentada, que devem, em muitas ocasiões, trabalhar em equipe – se o trabalho de um atrasar, toda a cadeia sofrerá com esse atraso.

Além de questões como essa, é preciso estar sempre atento às condições de trabalho.

Atividade 1

REFLETINDO SOBRE SUA OCUPAÇÃO



1. Leia o trecho do livro escrito pelo médico italiano Bernardino Ramazzini em 1700. Esse especialista já alertava, no século XVII (17), que o trabalho envolve raciocínio e corpo, e que é importante ter cautela, pois você pode estar exposto a riscos que venham a afetar sua saúde física e mental.

A mãe natureza nos fornece muitas coisas para proteger nossos corpos do mau tempo, como a lã, o linho, o cânhamo, o algodão, às quais podemos acrescentar ainda a seda, embora esta seja usada mais para cobrir do que propriamente proteger o corpo de homens e mulheres. O processo de tratamento dessas matérias-primas, utilizadas nas vestimentas, geralmente é nocivo àqueles que o executam.

RAMAZZINI, Bernardino. *De morbis artificum diatriba*, 1700.
Traduzido do latim pelo abade Chiari da Pisa sob o título *Le malatie degli artefici*.
Veneza: in Domenico Occhi, 1745. Tradução do italiano: Rita De Luca.

2. Em grupo de cinco pessoas, imaginem como é o trabalho em uma indústria de confecção e façam uma visita “virtual”, como se estivessem andando e observando cada detalhe. Para auxiliá-lo nessa “visita”, reveja as imagens apresentadas na Unidade 3, de alguns setores dessa indústria.
 - a) Como é a ventilação? É natural? É um espaço suficientemente arejado para o número de pessoas que trabalham no local?

b) E a iluminação? É natural? É possível ver a rua ou a área externa da empresa? Pelas janelas, dá para ver árvores e plantas?

c) E o mobiliário? Os funcionários se sentem confortáveis na cadeira que usam? A mesa ou a máquina tem altura adequada ao seu corpo? É preciso forçar o corpo em alguma direção para executar melhor o trabalho?

3. Façam um balanço da estrutura física do local analisado e preencham o quadro a seguir, indicando as condições adequadas e inadequadas, bem como propostas de alteração (no caso de situações inadequadas).

Condições de trabalho	Quais são?	Podem mudar? Como?
Adequadas		
Inadequadas		

Fonte: Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho: Geografia, História e Trabalho: 8º ano do Ensino Fundamental. São Paulo: SDECT, 2012.

4. Quais foram as conclusões às quais chegaram?

Condições de trabalho

Forte ruído de máquinas, temperaturas altas e ventilação insuficiente para o número de pessoas que trabalham no mesmo local, uso ou circulação de produtos químicos, como tintas e solventes, são alguns indícios de que o ambiente apresenta riscos à saúde.

Além disso, se a empresa não oferecer Equipamentos de Proteção Individual, os chamados EPI, você deve ficar atento e solicitá-los à chefia, pois a empresa é obrigada por lei a fornecê-los.

Além desses riscos, mais evidentes, há outros que não são tão valorizados, nem por trabalhadores nem, muitas vezes, pelas próprias empresas. Se no trabalho você usa força excessiva, se seu corpo fica curvado durante horas seguidas, se há pressão para que a produção seja mais rápida etc., esses fatores podem também afetar sua saúde, tanto física como mental.

Por isso, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) criou normas, que devem ser seguidas pelas empresas.

Leia o quadro a seguir, que analisa cuidadosamente as etapas de trabalho em uma indústria de vestuário.

Ocupação	Atividade	Risco
Estilista	<p>Criar modelos novos e desenhá-los, conforme tendência da moda e da numeração padronizada.</p> <p>Posto de trabalho: computador e cadeira.</p>	<p>Fisiológicos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Postura sentada a maior parte do dia.• Fixação da vista na tela de computador. <p>Psíquico:</p> <ul style="list-style-type: none">• Pressão para criar sempre produtos novos e de aceitação no mercado.

Ocupação	Atividade	Risco
Modelista	Responsável por confeccionar a peça-piloto da produção em série.	Acidente: <ul style="list-style-type: none"> Perfuração de dedos por agulhas. Fisiológicos: <ul style="list-style-type: none"> Postura sentada o dia todo. Fixação da vista no trabalho de confecção.
Moldador ou riscador	Faz a riscagem das peças em papel, dando origem ao molde padronizado pela numeração. Posto de trabalho: mesa de riscagem.	Fisiológicos: <ul style="list-style-type: none"> Postura de trabalho em pé, encurvada sobre a mesa de modelagem. Fixação da vista por longo período.
Cortador	Faz o corte do tecido após o enfiado e a colocação do molde com o uso de equipamento elétrico. Posto de trabalho: máquinas de corte de tecido.	Físicos: <ul style="list-style-type: none"> Calor. Ruído e vibração. Químico: <ul style="list-style-type: none"> Poeira de tecido. Acidente: <ul style="list-style-type: none"> Corte de dedos e mãos. Fisiológicos: <ul style="list-style-type: none"> Postura desconfortável para realização do serviço. Movimento repetitivo.
Costureiro	Efetuar o serviço de costurar os tecidos e adereços para formar as roupas. Posto de trabalho: máquinas de costura reta, overloque, galoneira, caseadeira e pespontadeira.	Físicos: <ul style="list-style-type: none"> Ruído e vibração. Calor. Químico: <ul style="list-style-type: none"> Poeira de tecido. Acidente: <ul style="list-style-type: none"> Perfurações com agulhas. Fisiológicos: <ul style="list-style-type: none"> Posição fixa sentada por longo tempo. Movimentos repetitivos e com precisão. Exigência de posturas, por vezes, desgastantes e inadequadas. Uso de cadeiras sem controle de altura e de encosto ergonômico. Jornada de trabalho longa. Fixação da vista no campo de trabalho por longo período. Trabalho que exige força no manuseio (trespontadeira).

Fonte: GARCIA JÚNIOR, Antônio Carlos. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria do vestuário em Colatina/ES*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), 2006, pp. 60, 63 e 66. Disponível em: <<http://sstmpe.fundacentro.gov.br/Anexo/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

Esse quadro é um alerta para você, que vai trabalhar no setor. O uso de EPI é fundamental e obrigatório para evitar acidentes ou futuras lesões em seu corpo.

Agora, preste atenção às imagens a seguir. Elas mostram alguns riscos aos quais você poderá ficar exposto. Observe a Figura 1. Repare como a trabalhadora está acomodada no posto de trabalho. Você acha que ela possui espaço ou conforto suficientes para a atividade? Repare como o braço direito fica sem apoio para manusear a máquina. Esse é um aspecto que pode causar lesões por esforço repetitivo (LER). Além disso, o calçado está inadequado. O ideal seria que fosse usado um calçado que cobrisse ao menos 70% dos pés, para evitar ferimentos ou acidentes.

Figura 1



Agora veja a Figura 2. Na sua opinião, ela retrata condições mais ou menos adequadas para a realização do trabalho?

Figura 2



Segundo as normas estabelecidas pela Fundacentro, órgão do MTE, as empresas deveriam substituir as cadeiras até o final de 2012.

Equipamentos de Proteção Individual (EPI)

Os EPI podem variar de acordo com o local onde sua ocupação será exercida. Em uma grande indústria, devido ao alto som do maquinário, é imprescindível o uso de protetor auricular.



© Serepy Zanaboni/13.RF

Protetor auricular.

Para cortadores, especialmente, é importante o uso de máscara filtradora contra poeira e partículas, além de óculos de segurança para a proteção dos olhos.



© Paulo Sivalla

Máscara filtradora.



© Paulo Sivalla

Óculos de segurança.

Também é fundamental, para os cortadores, o uso de luva de malha de aço na mão que conduz o tecido em direção ao corte.



Luva de malha de aço.

Atividade 2

EXPOSIÇÃO DE IDEIAS



1. Em grupo de cinco pessoas, escolham um tema deste Caderno e elaborem uma apresentação criativa para a turma. Vejam o exemplo a seguir, que lhes dará uma ideia melhor de como realizar a atividade.

Tema: moda nos anos 1960

Apresentação criativa: cartazes com imagens ou ilustrações da época que retratem o momento histórico vivido no Brasil e como a moda o acompanhava.

Etapas

- Pesquisa na internet com auxílio do monitor, no laboratório de informática.
 - Impressão das imagens.
 - Colagem em cartolinas.
2. Se possível, façam um registro fotográfico da exposição, para constar no seu portfólio.



Tarsila do Amaral. *Costureiras*, 1950. Óleo sobre tela, 73 cm x 100 cm. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (SP).

- ***História do bordado, do vestuário e da moda***
- ***A moda no século XX (20)***
- ***Mercado de trabalho***
- ***Saúde e trabalho***



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência e Tecnologia